

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**ENSAIO SOBRE O MECANISMO DE DEFESA *IDENTIFICAÇÃO COM O*
*AGRESSOR***

Cláudia Vanessa Leão da Cunha Lopes Rodrigues

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008/2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Mestre Jaime Coelho, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES nº19673 /2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de tecer algumas palavras de agradecimento a todos aqueles que, de alguma forma, me acompanharam ao longo do caminho que percorri. Agradeço ao meu orientador de Dissertação de Mestrado (ISPA), Mestre Jaime Coelho por todos os conhecimentos que me transmitiu, sendo estes, uma ajuda preciosa neste trajecto. Assim como pela forma sapiente, cordial, compreensiva e atenciosa com que lidou connosco nas aulas de seminário de Dissertação de Mestrado e nos encaminhou.

Aos meus colegas, agradeço o apoio moral e a boa disposição que nasceu entre nós, em todas aulas que partilhamos dúvidas, emoções e algumas preocupações.

Agradeço à funcionária da instituição Humanus, pela sua generosidade e colaboração e aos participantes que se disponibilizaram a intervir nas entrevistas, com muita amabilidade, tornando este estudo possível.

E como os últimos são os primeiros, agradeço de todo o coração, com muito carinho, o apoio que o meu marido e as nossas queridas filhas, me deram durante este período. Aos meus pais, dedico uma palavra de especial gratidão, por todo o amparo e amor que me deram em todos os momentos, especialmente nos mais difíceis. A toda a minha família em geral, um grande bem-haja por tudo. Sem a vossa ajuda compreensão não teria conseguido. Amo-vos muito!

Resumo

O mecanismo *identificação com o agressor*, de acordo com a teoria de Ferenczi (1932), é um mecanismo rígido, auto-destrutivo e permanente. Procurou-se avaliar este mecanismo à luz de uma perspectiva diferente, em função das relações que as pessoas estabelecem ao longo da vida e dos diferentes processos identificatórios presentes na construção da identidade. As abordagens descritas na literatura, não são elucidativas quanto à persistência deste mecanismo no funcionamento dos indivíduos. Levantam-se algumas questões: Será este, um mecanismo rígido e permanente na vida futura da criança traumatizada, ou um mecanismo que se transforma perante relações interpessoais (intra ou extra familiares) saudáveis ao longo da vida? Na vida da criança só existe o agressor (relação dual)? Tendo em conta as várias formas de agressão possíveis, assim como a especificidade de cada caso, manifestar-se-á este mecanismo sempre da mesma forma e com a mesma intensidade?

Seleccionaram-se dois casais, nos quais, pelo menos um dos cônjuges foi vítima de violência familiar desde a infância (trauma). Realizaram-se entrevistas, semi-directivas com os casais, efectuadas individualmente, onde foi possível recolher dados das suas vivências passadas e presentes, relativamente a relações intra e extra familiares. É esperado encontrar oscilações neste mecanismo, em função da dimensão traumática sofrida, das características individuais e das relações intra e extra familiares estabelecidas ao longo da vida.

Fez-se uma breve análise comparativa entre o mecanismo de defesa “identificação com o agressor” e a Síndrome de Estocolmo, onde se explorou o caso de Natascha Kampusch. Encontraram-se algumas semelhanças, mas também algumas diferenças entre os dois mecanismos, contudo a insuficiência de dados torna a abordagem inconclusiva.

Palavras-chave: identificação com o agressor; trauma; identificações; identidade; relação conjugal

Key-words: identification with the agressor; trauma; identification; identity; conjugal relationship

Índice

Introdução.....	1
Enquadramento Teórico.....	4
Os mecanismos de defesa.....	4
Identidade e Identificação: Conceitos.....	7
A identificação com o agressor: Conceito.....	12
A identificação com o agressor e a Síndrome de Estocolmo.....	17
Método.....	27
Análise das entrevistas.....	29
1º Casal: Clara e Júlio.....	30
2º Casal: Vera e Francisco.....	40
Síntese da análise das entrevistas.....	48
Discussão.....	50
Considerações finais.....	61
Referências bibliográficas.....	62
Anexos:	66
Anexo A (Entrevista semi-directiva).	67
Anexo B (Entrevista semi-directiva da Clara)	69
Anexo C (Entrevista semi-directiva do Júlio)	74
Anexo D (Entrevista semi-directiva da Vera).....	78
Anexo E (Entrevista semi-directiva do Francisco).....	82
Anexo F (Carta de Consentimento Informado).....	85

Introdução

O mecanismo *identificação com o agressor* poderá ser um mecanismo que oscila, em função das várias relações que as pessoas estabelecem ao longo da vida. Verificam-se mudanças na personalidade face aos vários processos identificatórios que coexistem no indivíduo no percurso da construção da identidade. Coimbra de Matos (2006), distingue três processos identificatórios presentes no processo de construção da identidade, podendo estes coexistir no sujeito: identificação imagoico – imagética; identificação idiomórfica e identificação alotriomórfica. Na **identificação alotriomórfica** prevalece o mimetismo, ou seja, a identificação ao modelo: *“O indivíduo identifica-se ao objecto eleito, o escolhido. É o objecto amado, admirado e também invejado, ao qual procuro assemelhar-me - introjectando atributos seus, reais e/ou imaginados. (...) É a identificação mais conhecida e a única que a psicanálise clássica e a psicopatologia dinâmica tradicional descrevem, como se o processo de construção de identidade se reduzisse à identificação ao modelo; é uma teoria, convenhamos, bastante reducionista – simplificadora mas restritiva. É, entendamos, subestimar maciçamente a capacidade diferencial e diferenciadora, e sobretudo, criativa de cada ser ou ente psíquico.”* (Coimbra de Matos, 2006)

Poderá este mecanismo ser rígido e permanente após um trauma severo, como defendeu Ferenczi (1932), ou por outro lado um mecanismo mais generalizado e extensível, tal como referiu Frankel (2002). Após uma revisão de literatura, foi possível constatar que este conceito sofreu algumas modificações relativamente à conceptualização originária de Ferenczi (1932). Este mecanismo foi observado por vários autores, em alguns casos clínicos, nem sempre mostraram concordância com esta teoria pioneira. Ferenczi (1932) distinguiu dois aspectos deste mecanismo: em primeiro lugar, seria uma tática interactiva (ou estratégia social), utilizada pela criança face a uma relação de poder traumatizante, vivida com as figuras parentais. Em segundo lugar verificar-se-ia uma mudança intrapsíquica na criança, consequência de um trauma severo. Neste processo identificam-se dois mecanismos: identificação e introjecção... A criança introjecta os sentimentos de culpa que o adulto sentiu pelos seus actos e sente-se culpada pelo que lhe aconteceu. Por outro lado, Ferenczi (1932) referiu, ainda, que existe uma confusão de línguas entre o adulto e a criança. O adulto apresenta uma linguagem erotizada que choca com uma linguagem de ternura e carinho da criança, esta sente-se invadida por desconfiança, medo e tristeza que dará origem ao trauma.

A criança constrói um falso self (Winnicott, 1960, cit por Frankel, 2002), subordina-se mentalmente ao agressor. De acordo com Frankel (2002), a criança que vive uma situação de trauma, desenvolve capacidades precoces (hipersensibilidade, super inteligência e

clarividência) que lhe permitem lidar, de forma mais adaptativa, com uma experiência dolorosa. A identificação com o agressor tem consequências específicas no funcionamento intrapsíquico da vítima (Ferenczi; 1930/32) manifestadas pela clivagem, fragmentação da personalidade, abandono emocional e isolamento. Torok e Abraham (1978, cit por Frankel, 2002), falam de uma morte parcial do self, onde as palavras e pensamentos da criança são enterrados vivos e substituídos pelos desejos e formas de agir do agressor.

Numa perspectiva diferente, Anna Freud (1936), descreve este mecanismo como uma imitação da agressão que a vítima sofreu, desta forma, transformar-se-ia na pessoa que outrora a agrediu e ameaçou. As abordagens feitas por Anna Freud e Ferenczi ao mecanismo “identificação com o agressor” para além de divergirem em alguns aspectos, tal como já foi referido, parecem deixar algumas questões em aberto: *“Que papel atribuir à identificação com o agressor no conjunto da teoria analítica? Tratar-se-á de um mecanismo muito especial ou, pelo contrário, virá ele abranger uma parte importante daquilo que habitualmente se descreve como identificação? Designadamente, como virá articular-se com o que é clássico designar por identificação com o rival na situação edipiana? Parece que os autores que colocaram em primeiro plano, esta noção não formularam o problema nestes termos. Todavia é impressionante o facto de as observações relatadas situarem geralmente este mecanismo no quadro de uma relação, não triangular mas dual, que, como muitas vezes sublinhou Daniel Lagache é de fundo sadomasoquista.”* (Laplanche & Pontalis; 1985).

As questões levantadas parecem pertinentes no decorrer da presente investigação. Para além destas acrescento as questões que são o cerne deste estudo: Será este, um mecanismo rígido e permanente na vida futura da criança traumatizada, ou um mecanismo que se transforma perante relações interpessoais (intra ou extra familiares) saudáveis ao longo da vida? Na vida da criança só existe o agressor (relação dual)? Tendo em conta as várias formas de agressão possíveis, assim como a especificidade de cada caso, manifestar-se-á este mecanismo sempre da mesma forma e com a mesma intensidade?

Na tentativa de responder a estas questões, sinto que há um caminho longo para percorrer, porém procurarei respostas elucidativas. Creio que este mecanismo possa ser uma forma de identificação de cariz transitório, que se altera em função de relações interpessoais sanígenas (intra ou extra familiares) que o indivíduo estabelece no seu percurso de vida. Assim como, tendo em conta casos em que a criança agredida vive numa situação ambivalente (e.g. pai agressor e mãe protectora e afectuosa), o mecanismo poderá manifestar-se de forma diferente, uma vez que existe uma figura parental afectuosa com a qual a criança se pode identificar. Penso que o mecanismo de defesa se possa manifestar de forma diferente, em função da

forma e da dimensão da agressão. Os maus tratos sofridos pelas crianças podem ser físicos (hematomas, fracturas e queimaduras na sua forma mais grave), de abuso sexual, de violência psicológica e casos de negligência. As crianças vítimas de violência psicológica, foram durante muito tempo ignoradas das estatísticas (Doron & Parot, 2001).

Um olhar contemporâneo para o conceito *identificação com o agressor*, revela uma abordagem mais ampla e generalizada. Frankel, (2002) analisa este mecanismo como um fenómeno interactivo generalizado, fugindo um pouco à conceptualização original de Ferenczi, estendendo o conceito a situações de traumas leves e até a situações não traumáticas. Haverá diferença entre a identificação com o agressor numa resposta a um trauma severo ou outros acontecimentos traumáticos? Frankel (2002), sugere que o tipo de trauma em questão afecta em simultâneo a extensão e a rigidez da identificação. Refere que o nível de resistência que cada pessoa demonstra depende do objecto internalizado ser mais ou menos rígido e inflexível.

As abordagens descritas na literatura, não são elucidativas quanto à persistência deste mecanismo no funcionamento dos indivíduos. Por outro lado, este mecanismo pode surgir subitamente, mesmo na vida adulta, numa situação de perigo (um sequestro), referido na literatura como a “Síndrome de Estocolmo”, termo introduzido por Bejerot (1973, cit. por Dewey, 2007). Analisar-se-á se existe algum paralelismo entre a Síndrome de Estocolmo e o mecanismo de defesa identificação com o agressor. No sentido de ilustrar esta abordagem analisar-se-á o conhecido caso de Natascha Kampusch.

No estudo em questão, pretende-se averiguar se existe oscilação do mecanismo *identificação com o agressor* e tentar responder às questões colocadas anteriormente. Como tal, estudar-se-ão dois casais, no qual pelo menos um dos cônjuges foi vítima de violência familiar, com o propósito de observar a oscilação desse mecanismo. Analisar-se-á se este mecanismo se verificou ao longo da vida dos sujeitos, de que forma se manifestou e se, se verifica no presente. Por outro lado importa analisar se, a relação conjugal que construiu, sendo esta harmoniosa e estável, contribuiu para a mudança do funcionamento dos indivíduos. Partindo do princípio que o sujeito funcionava anteriormente, utilizando este mecanismo, e que mediante a relação conjugal feliz, deixou de o fazer, salientar-se-á o papel fulcral das relações conjugais felizes na oscilação e quiçá extinção desse mecanismo. Será feita uma análise dos resultados à luz da teoria psicanalítica.

Fazer-se-á uma breve análise do caso Natascha kampusch, integrando-a no presente estudo.

Enquadramento teórico

Os mecanismos de defesa

O mecanismo de defesa *identificação com o agressor* enquadra-se num conjunto de defesas de controlo obsessivo, utilizadas pelo *ego* no sentido de preservar o objecto, com o qual mantém uma relação objectal anaclítica. Tendo em conta este enquadramento, torna-se importante falar, de forma breve, acerca da abordagem feita por alguns autores em torno desta temática. Segundo Bergeret (2006), os mecanismos de defesa não são apenas a expressão do conflito intrapsíquico e da patologia, mas funcionam também como uma forma de adaptação à realidade externa e interna. Acontece que, por vezes há uma utilização ineficaz ou inadaptada à realidade.

O termo *mecanismos de defesa* foi utilizado por Anna Freud (1936) na obra: *The ego and the mechanisms of defense* (1936), a autora refere que as vicissitudes das pulsões, são consideradas métodos de defesa tendo origem na actividade do *ego*. Atribuiu ao *ego* um carácter activo, observável e independente do *id* e do *superego*. Realçou o aspecto adaptativo das defesas.

Em oposição à abordagem psicanalítica de Anna Freud, encontra-se Melanie Klein (1952) com uma teoria inovadora, onde a fantasia tomou lugar na concepção de um mundo psíquico com objectos internos, no qual os mecanismos de defesa actuavam em função da posição em que o *ego* se encontrava (posição esquizo-paranoide/ posição depressiva): “*Há dois conjuntos de temores, sentimentos e defesas que, por serem variados em si mesmos e intimamente ligados entre si, podem, segundo o meu critério e com a finalidade de clareza teórica, ser isolados um do outro. O primeiro conjunto de sentimentos e de fantasias é persecutório, caracterizado por temores de destruição do ego por perseguidores internos. As defesas contra esses temores consistem, essencialmente, na destruição dos perseguidores, com métodos violentos ou secretos e traiçoeiros. O segundo conjunto de sentimentos que vêm construir a posição depressiva, descrevi anteriormente sem lhe dar nome. Agora proponho-me utilizar para estes sentimentos de tristeza e preocupação pelos objectos amados, os temores de perde-los e a ânsia de recuperá-los, numa palavra simples que provém da linguagem comum: o penar pelo objecto amado. Brevemente: a perseguição (pelos objectos maus) e as defesas características contra ela, por um lado; constituem a posição depressiva.*” (Klein, 1952). A existência de um *ego* precoce capacitado para sentir o bom e o mau numa dinâmica mental onde subsistem fantasias inconscientes nas relações de objecto primitivas, preparado para sentir ansiedade e usar mecanismos de defesa (Segal, 1975), tornam a teoria

de Klein original e oposta à de Anna Freud. Não obstante, Klein ainda defende a existência de um superego precoce, e verificou a mesma situação em relação ao complexo de Édipo: *“Pensava que o complexo de Édipo tinha início em torno dos três ou quatro anos, mas ela observou crianças de dois anos e meio que manifestavam fantasias e ansiedades edipianas...”* (Segal, 1975). É, sem dúvida, de salientar os seus contributos na teoria e prática psicanalítica que se reflectiu na clínica infantil, assim como na compreensão das psicoses e na nova abordagem feita aos mecanismos de defesa, nomeadamente a identificação projectiva.

Este mecanismo de defesa faz parte da posição esquizo-paranoide e é descrito por Klein como um mecanismo através do qual o indivíduo expulsa partes suas (do ego) projectando-as no objecto externo com o propósito de se livrar delas e controlar o objecto, aliviando assim a ansiedade sentida. Numa relação terapêutica o analista interpreta este mecanismo nos processos transferenciais e contra-transferenciais, não sendo propriamente uma tarefa fácil: *“As ramificações dos aspectos comunicativos da identificação projectiva são tão vastas que podem eventualmente cobrir quase tudo o que ocorre na situação analítica. No entanto, é clinicamente errado assumir que tudo o que o analista sente resulta do que o paciente está a pôr «dentro dele».”* (Batman & Holmes, 1998).

Os mecanismos de defesa podem ser vistos, metaforicamente, como o sistema imunitário do aparelho mental que procura o equilíbrio psíquico, criando uma protecção para combater a dor mental, resultante ou não de psicopatologia.

Na organização neurótica existe uma relação de objecto genital, na qual o conflito oscila entre as pulsões sexuais e os interditos. Consequentemente prevalece a angústia (ansiedade) de castração. Desta forma, os mecanismos de defesa (recalcamento, deslocamento, inibição, sublimação) actuam com o propósito de diminuir essa ansiedade e manter o vínculo com o objecto total.

Na patologia Borderline, os mecanismos de defesa (idealização, clivagem, identificação projectiva, etc.) agem como apaziguadores da angústia de perda de objecto, com o qual existe uma relação anaclítica. O conflito flutua entre as pulsões sádico orais e anais dirigidas para um objecto que frustra e a busca incessante do objecto ideal que preencha um vazio profundo e que cure a chaga narcísica.

O sofrimento aumenta a sua intensidade no funcionamento psicótico, onde preside uma angústia de fragmentação, persecutória, coexistindo com defesas esquizoides (negação, clivagem, projecção, etc.) que funcionam como barreiras que protegem o *ego* de um sofrimento atroz e intolerável. Existe um conflito profundo com a realidade, confusão identitária, não se faz uma distinção entre o dentro e o fora. Há falta de uma pele psíquica que

contenha a dor mental. O objecto é sentido como intrusivo, mau ou ambivalente e a relação prevalente é uma relação de objecto fusional.

Nesta linha de pensamento, Kernberg (1995) enfatizando a importância do diagnóstico estrutural para uma melhor compreensão das características estruturais intrapsíquicas dos pacientes, sublinha a diferença entre a organização defensiva da estrutura neurótica em relação às estruturas borderline e psicótica: *“Na estrutura neurótica, como mencionado anteriormente, ela centra-se no recalçamento e outras operações defensivas de alto nível. As estruturas borderline e psicóticas, em contrapartida são caracterizadas pela predominância de operações defensivas primitivas, especialmente o mecanismo de clivagem.”* (Kernberg, 1995).

Em síntese, é importante sublinhar as principais características dos mecanismos de defesa: são uma função do ego; manifestam-se, normalmente, de forma inconsciente; podem ser adaptativas ou patológicas; são dinâmicas e em constante mudança, porém podem ser fixas em funcionamentos patológicos; cada funcionamento psicológico tem mecanismos de defesa diferentes; tendo em conta o desenvolvimento evolutivo, encontram-se defesas primárias e defesas evoluídas (Batman & Holmes, 1998).

Esta breve análise em redor dos mecanismos de defesa teve como objectivo dar um enfoque mais amplo à temática em si, no sentido de integrar e facilitar a compreensão do mecanismo de defesa *“identificação com o agressor”*. Neste âmbito, farei em seguida uma análise mais detalhada da conceptualização que gira em torno dos conceitos: identificação e identidade, com o propósito de compreender o funcionamento intra-psíquico de indivíduos que utilizem o mecanismo de defesa *“identificação com o agressor”*. Tentarei perceber se mediante a dinâmica dos processos identificatórios e se no decurso da construção da identidade, este mecanismo se verifica contínuo e inalterável na forma de agir do indivíduo, ou se por outro lado oscila face a possíveis transformações que possam ocorrer nestes mecanismos (identificação e identidade) ao longo da vida do ser humano. Penso que estes processos se alteram no decurso da vida em função das relações estabelecidas com objectos significativos intra-familiares e extra-familiares. Desta forma, creio que o mecanismo de defesa *“identificação com o agressor”* possa oscilar em função dessas transformações e não ser um mecanismo rígido e inalterável que leve o indivíduo a proceder de uma forma pré-destinada, como se esta herança identificatória que recebeu do seu agressor seja um funcionamento do qual não se consiga libertar. Seria algo do campo transgeracional, um funcionamento mantido inabalável nas famílias assombradas por este mecanismo de defesa.

Parece-me muito redutor pensar o ser humano desta forma, sem considerar a plasticidade humana, a resiliência, a diversidade de processos identificatórios no decurso da construção da identidade, assim como a existência de processos contra identificatórios em redor da mesma. Quando falo em contra identificações refiro-me a movimentos conscientes, nos quais o sujeito se recusa agir à semelhança de determinado modelo: *“Nunca hei-de ser como ele...”*.

Senti necessidade de explorar vários conceitos, no sentido de sustentar uma perspectiva diferente em torno do conceito. Pareceu-me fundamental fazer esta análise, pois penso que trará suporte a esta reflexão. Desta forma, considereei pertinente analisar os conceitos: Identificação e Identidade, pois julgo que serão indissociáveis do mecanismo de defesa “identificação com o agressor”. Esta abordagem mais ampla em torno do funcionamento intra psíquico do indivíduo, permitirá tirar conclusões mais consistentes no presente estudo.

I. Identificação e identidade: conceitos

Esta abordagem facilitará a compreensão das reflexões que apresentarei mais à frente. Como referi anteriormente, ao falar no mecanismo de defesa “identificação com o agressor”, é imprescindível falar sobre: identificação e identidade, pois parece-me que se possa encontrar algum elo de ligação em torno desta conceptualização.

Identificação pode ser definida como: *“Processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.”* (Laplanche e Pontalis, 1985). De acordo com a perspectiva psicanalítica, o acto de identificar-se pode remeter para aspectos como a imitação, a empatia, movimentos projectivos, etc. Nesta linha de pensamento Freud abordou esta questão, focando os sintomas histéricos e concebendo a identificação como o desejo recalcado “de agir como”, “de ser como”alguém (Freud, 1896, cit por Roudinesco et al. 1997). Sublinha o aspecto da expressão de comunhão sexual inconsciente, manifesta na histeria (e.g. no caso Dora esta imita a tosse do pai), através de processos de identificação.

Freud (cit por Laplanche & Pontalis, 1997), salienta que podem coexistir várias identificações: *“...o facto da identificação autoriza talvez um emprego literal da expressão”pluralidade de pessoas psíquicas”*. Penso que Freud foca aqui um aspecto bastante importante, na conceptualização que fez em torno da identificação. O facto de poderem

coexistir identificações com múltiplos objectos ou múltiplos traços dos mesmos, permite-nos pensar que o aparelho psíquico pode ser constituído de várias identificações e que mesmo um funcionamento patológico pode ter assimilado várias “pessoas psíquicas” ou vários traços das mesmas. Parece colocar-se de parte, a ideia que a identificação é regida apenas por um modelo.

Na sua análise em torno desta temática evidencia determinados pontos, com efeitos notórios na construção de identificações: o complexo de Édipo, o narcisismo e as instâncias (ego, id e superego). Por outras palavras, o complexo de Édipo tem influência no processo de estruturação do indivíduo. Os objectos de amor são sentidos de forma ambivalente (objecto de amor/objecto rival) e daí resultam os processos de identificação. Freud (1914; cit por Laplanche & Pontalis, 1997) confere, um enfoque ao narcisismo, referindo que também desempenha um papel de destaque no processo de construção de identificações. Há uma ligação entre a escolha narcísica do objecto e a identificação. O objecto é escolhido à imagem da própria pessoa e o indivíduo, assim como as suas instâncias (ego, id e superego) que se constituem mediante o modelo dos objectos significativos para si (pais e outros). (Laplanche & Pontalis, 1997).

A identidade pessoal é o produto resultante de uma série de identificações que o indivíduo constrói ao longo da vida. Referi identidade pessoal para enfatizar o aspecto mais subjectivo da mesma, pois podemos nomear outros tipos de identidade: A identidade biológica e a identidade social. Porém interessa explorar aqui a identidade pessoal, subjectiva. Segundo Houzel et al. (2004), *“A identidade subjectiva, tal como o indivíduo a sente, é uma construção que começa com o nascimento e que, em alguns dos seus aspectos, continuará durante toda a vida até à hora da sua morte, «tal como em si próprio a eternidade o muda». Ela é em primeiro lugar um sentimento: o Self é definido por Donald Winnicott (1958) como «a continuidade de ser do ser humano individual. Este tornar-se-á o objecto de uma tomada de consciência reflexiva, um si-próprio, uma continuidade que persiste através da mudança...”*.

É na mudança que se verifica o processo contínuo de construção da identidade, resultante de um conjunto de identificações que se verifica num processo contínuo de possíveis transformações, em consonância com a vivência do indivíduo: *“Falar de identidade impõe descrever os processos de identificação; pois a identidade é o resultado, melhor ou pior conseguido, da ou das identificações. A identidade é o produto, mais ou menos estável, de uma ou várias operações – as tarefas identificatórias.”* (Coimbra de Matos; 2006). Nessa dita construção, o ser humano tem um papel activo, subjectivo e é livre nas escolhas que faz. Paralelamente a uma existência identitária biológica, pré definida, existe uma existência

identitária subjectiva que se vai construindo num universo afectivo de relações interpessoais, influenciado pelo ambiente sociocultural, onde o indivíduo se insere.

Coimbra de Matos (2006), distingue três processos identificatórios presentes no processo de construção da identidade, podendo estes coexistir no sujeito: identificação imagoico – imagética; identificação idiomórfica e identificação alotriomorfica. A **identificação imagoico – imagética** é a mais primitiva e é habitual verificar-se no início da vida, contudo pode aparecer na fase adulta associada a funcionamentos patológicos. Define-se desta forma: “*O individuo identifica-se por incorporação – assimilação da imago e/ou da imagem com que o outro o define; ou seja por captação e capturação da identidade atribuída. (...) É uma identificação especular: eu bebé reconheço-me na imago/imagem que a minha mãe de mim me devolve (...) Esta identificação pode ser promotora de evolução e sanígena (...) ou, bem ao contrário, obstrutiva e patogénica, desviante ou mesmo alienante quando distorce a verdade do sujeito.*” (Coimbra de Matos, 2006)

Esta descrição faz, de certa forma, lembrar a teorização de Winnicott acerca do falso self/verdadeiro self: “*(...) O verdadeiro self fica oculto e temos que lidar clinicamente com o complexo falso self, cuja função é manter o verdadeiro self oculto. O falso self pode ser convenientemente sintónico com a sociedade, mas a falta do self verdadeiro produz uma instabilidade...*” (Winnicott; 1969)

Será o falso self produto resultante de um processo identificatório imagoico – imagético? Parece possível relacionar estas duas abordagens, se tivermos em conta que nos dois casos sobressai um mimetismo, conferindo ao sujeito uma existência pouco genuína, possuidor de uma identidade quiçá falsa.

Não querendo dispersar muito, na presente linha de pensamento, interessa dizer que o mecanismo de defesa “identificação com o agressor”, talvez se pudesse enquadrar nesta abordagem. Se o indivíduo que utiliza esse mecanismo de defesa reproduz o mesmo comportamento daquele que o agrediu, então verifica-se uma identidade em espelho atribuída, onde o sujeito passa a ser o que lhe dizem que é (“és mau, és bruto!” e ele passa a ser mau e bruto). O sujeito assimila as projecções do seu agressor e transforma-se naquilo que ele lhe diz que é.

Faltaria a liberdade de criação de uma identidade psíquica subjectiva e autónoma, inspirada em vários modelos (não agressores) e ideais intrínsecos (identificação idiomórfica), uma vez que a identidade se constrói através de diferentes processos de identificação. Quero com isto dizer que não significa que todo aquele, vítima de alguma forma de agressão, venha

a agredir os seus descendentes, passando a comportar-se única e exclusivamente à imagem do seu agressor. Não podendo descurar que existem várias formas de agressão.

Obviamente que esse mecanismo se verifica de várias formas, tendo em conta a especificidade de cada caso (tipo de agressões e agressor), contudo não me parece que todos os sujeitos se identifiquem única e exclusivamente com “o agressor”, a não ser que esteja no campo do funcionamento patológico grave. Não obstante, o funcionamento mental, assim como o comportamento humano, de uma forma geral não se resumem a uma só identificação, como já foi referido anteriormente.

O mecanismo de defesa “identificação com o agressor” será descrito de forma mais detalhada, mais à frente, tal como a conceptualização feita, em redor do mesmo, por alguns autores.

Retomando o fio condutor, após este breve parêntesis, resta definir as outras duas identificações (idiomórfica e alotriomórfica). A **identificação idiomórfica** é aquela na qual o indivíduo se auto reconhece e vai construindo a sua identidade de acordo com o que sente. Esta identificação é a que melhor nos descreve e distingue dos outros. Este processo evidencia-se na adolescência, fase da vida onde ocorrem grandes transformações identitárias. De uma forma geral, o sujeito despe-se das identificações imagoico – imagética e alotriomórfica e constrói peles de identificação idiomórfica conduzindo o sujeito a expressar um self mais autêntico: *“Identifica-se à sua própria forma – identificação idio (própria) – mórfica. É uma identificação por aprendizagem directa – experiência de se ver e experiência de fazer; e de mostrar-se e mostrar o que faz (...) É o retalho mais nobre, genuíno e fiel da identidade pessoal”*. (Coimbra de Matos, 2006)

Na **identificação alotriomórfica** prevalece o mimetismo, ou seja, a identificação ao modelo: *“O indivíduo identifica-se ao objecto eleito, o escolhido. É o objecto amado, admirado e também invejado, ao qual procuro assemelhar-me – introjectando atributos seus, reais e/ou imaginados. (...) É a identificação mais conhecida e a única que a psicanálise clássica e a psicopatologia dinâmica tradicional descrevem, como se o processo de construção de identidade se reduzisse à identificação ao modelo; é uma teoria, convenhamos, bastante reducionista – simplificadora mas restritiva. É, entendamos, subestimar maciçamente a capacidade diferencial e diferenciadora, e sobretudo, criativa de cada ser ou ente psíquico.”* (Coimbra de Matos, 2006)

Apesar de ter, anteriormente, referido que o mecanismo “identificação com o agressor” se poderia encaixar na identificação imagoico – imagética, é claramente na identificação alotriomórfica que este mecanismo encontra um paralelismo perfeito. A identificação alotrio

(ao outro) mórfica, é precisamente uma identificação mimética, na qual o sujeito assimila e imita as características do outro. Neste caso, poder-se-á dizer que **“a identificação ao agressor” será uma identificação alotriomórfica.**

Compreendo a crítica que Coimbra de Matos (2006) faz à psicanálise clássica e à psicopatologia dinâmica, onde esta identificação aparece como única na construção da identidade pessoal. De facto seria muito redutor para o ser humano se a construção da identidade se resumisse à identificação ao modelo. Como se cada indivíduo fosse inabilitado de usar capacidades criadoras e de ser livre de delinear o seu próprio ser psíquico. Como se estivesse destinado a seguir exclusivamente um modelo, sendo prisioneiro dentro de si próprio, replicando somente as acções de outrem.

No presente trabalho tentarei demonstrar que o ser humano é provido de capacidades que lhe permitem utilizar estas três formas de identificação no seu percurso de vida. Podemos pensar na possibilidade de mesmo aqueles que foram vítimas de qualquer tipo de trauma, nomeadamente traumas de infância, poderem utilizar mais do que um tipo de identificação na construção da sua identidade. Nesta acepção, será possível dizer que pessoas que foram vítimas de maus tratos na infância, possam, mediante relações inter-pessoais sanígenas que estabeleçam no seu percurso de vida, desenvolver outras identificações que não a identificação alotriomorfica. Em última instância, esta identificação poderá coexistir com a identificação idiomórfica.

Acredito que a identidade não é algo estático mas sim um processo em constante transformação ao longo da vida. Pensar que alguém, vítima de maus tratos na infância, está destinada futuramente a agir da mesma forma que o seu agressor, tornando-se também outro agressor, parece-me demasiadamente previsível. Penso que isso nem sempre se verificará. Em primeiro lugar pela especificidade de cada caso e depois em função do que antes foi dito, relativamente à plasticidade da construção identitária. Segundo Coimbra de Matos (2006) *“A identidade transforma-se como se forma, do mesmo modo ou pelos mesmos processos. Até porque a sua formação é uma permanente transformação. Mesmo depois de relativamente estruturada, no início da adultícia, a identidade vai mudando... Não obstante, surgem transformações mais ou menos radicais, no sentido expansivo ou restritivo, em circunstâncias – internas e externas – específicas, como: a paixão amorosa, a experiência mística, a vivência poético-estética, o pensamento criador e a experiência filosófica; a cura analítica, em destaque; mas também a experiência depressiva e a vivência psicótica.”*

Resta dizer que a permanente transformação identitária, contraria a visão clássica da psicanálise no que diz respeito à identificação ao modelo. Em última análise é possível ver o

mecanismo de defesa “identificação com o agressor”, como uma forma de identificação alotriomórfica. Porém é fundamental analisar cuidadosamente esta possibilidade, então analisarei o conceito de forma detalhada.

II. A identificação com o agressor: conceito

Segundo Laplanche & Pontalis (1985) este mecanismo é um: *“Mecanismo de defesa isolado e descrito por Anna Freud (1936): o indivíduo confrontado por um perigo exterior (representado por uma crítica emanada de uma autoridade), identifica-se com o seu agressor, ou assumindo por sua própria conta a agressão enquanto tal, ou imitando física e moralmente a pessoa do agressor, ou adoptando certos símbolos de poder que o designam. Segundo Anna Freud, este mecanismo seria predominante na construção da fase preliminar do superego, pois a agressão mantém-se então dirigida para o exterior e não se voltou ainda contra o indivíduo sob a forma de autocrítica.”*

No seguimento da abordagem originária de Ferenczi (1932) e numa perspectiva diferente, Anna Freud (1936) localiza o mecanismo de defesa “identificação com o agressor” em vários contextos (agressão física, crítica, etc.), referindo que existe uma relação agressiva entre a vítima e o agressor. Numa primeira fase verifica-se uma inversão da mesma, ou seja, o agredido transforma-se em agressor: a vítima introjecta o agressor e projecta para o exterior os sentimentos de culpa e de amargura, resultantes da agressão. Num segundo momento há um retorno da agressão para o interior e uma interiorização da relação.

Por outras palavras, Anna Freud quis dizer que perante a ameaça de perder o objecto (s) significativo (s), o agredido identifica-se com o seu agressor, por um lado auto culpabilizando-se do sucedido e por outro imitando as atitudes do mesmo: *“A criança introjecta algumas características do objecto ansiogénico e assimila a experiência ansiogénica a que foi submetida. Aqui, o mecanismo de identificação ou introjecção combina-se com um segundo mecanismo importante. Personificando o agressor, assumindo os seus atributos ou imitando a sua agressão, a criança passa de pessoa agredida a pessoa que agride.”* (Anna Freud; 1936)

A autora refere, ainda, que o mecanismo “identificação com o agressor” tem um papel activo na formação do superego. Alega que o indivíduo agredido introjecta as críticas que lhe são dirigidas e exterioriza a ofensa através da projecção de culpa. Defende que “introjecção” e “projecção” são actividades normais do ego quando utilizado o mecanismo de defesa “identificação com o agressor” face a uma situação ansiogénica: *“A particular combinação*

dos mecanismos introjecção e projecção àquele termo que designamos de “identificação com o agressor” pode ser vista como normal somente quando o ego utiliza este mecanismo no seu conflito com a autoridade, i. e., nos esforços que exerce para lidar com objectos ansiogénicos. É um processo defensivo que deixa de ser inócuo e se torna patológico quando transportado para a vida afectiva da pessoa.” (Anna Freud, 1936)

Anna Freud atesta que os movimentos de introjecção e projecção presentes no mecanismo “identificação com o agressor” podem ser considerados normais como defesa numa situação de ameaça. Pode ser patológico se for um comportamento transportado para a vida relacional afectiva do indivíduo agredido.

Se penetramos na conceptualização de Ferenczi (1932) em torno desta temática, encontramos diferenças em relação à teoria de Anna Freud (1936). Tal como foi referido anteriormente, a autora identifica o “trauma” em vários contextos, enquanto Ferenczi (1932) apesar de se referir à violência física e verbal dá um enfoque ao trauma de cariz sexual. A noção do mecanismo de defesa identificação ao agressor em Ferenczi (1932) é bem diferente daquela que Anna Freud (1936) desenvolveu posteriormente. Para Ferenczi (1932) trata-se de uma identificação do tipo primário, do tipo de incorporação, desorganizadora que deixa o ego confuso, totalmente passivo, incapaz de assumir o conflito intrapsíquico. Anna Freud (1936) defende que este mecanismo é uma identificação secundária que constitui uma figura preliminar do superego e que tem uma função estruturante do psiquismo.

É necessário compreender a noção que o autor tem de trauma para ilustrar a concepção de “identificação com o agressor”. Coloca-se a questão: O que é o trauma para Ferenczi? Em várias obras suas, aborda este tema, inclusive no seu Diário Clínico (1932): *“o que é o trauma? “Comoção”, reacção a uma excitação externa ou interna num modo mais autoplástico (que modifica o eu) do que aloplástico (que modifica a excitação). Essa neoformação do eu é impossível sem uma prévia destruição parcial ou total, ou sem dissolução do eu precedente. Um novo Ego não pode ser formado directamente a partir do Ego precedente, mas a partir de fragmentos...”*

Contudo, foi no seu célebre trabalho *“Confusion of Tongues between the adult and child”* (1932) que ilustrou com eloquência a sua posição relativamente à etiologia do trauma. Este seria o resultado de uma “violação psíquica” que o adulto faria à criança. Verificar-se-ia uma “confusão de linguagens” entre o adulto e a criança: a linguagem erotizada do adulto, na qual subjaz inconscientemente o amor e o ódio que choca com a linguagem de ternura e carinho da criança. Esta que outrora confiara no adulto, perante esta invasão psíquica desencadeia manifestações de medo, terror, desilusão e sofrimento.

O agressor acaba por desmentir a dor da criança e em simultâneo deixa transparecer algum sentimento de culpa. Confrontada com esta situação de desespero, a criança impossibilitada de se defender do adulto, submete-se aos seus desejos, introjectando os sentimentos de culpa (introjecção do sentimento de culpa) que o adulto sentiu pelos seus actos. Desta forma, a criança acaba por se identificar com o seu agressor. Esta é, segundo Ferenczi, a dinâmica do mecanismo “identificação com o agressor”: *Ferenczi recorre à expressão «identificação com o agressor» num sentido muito especial: a agressão considerada é o atentado sexual do adulto, vivendo num mundo de paixão e culpabilidade, sobre a criança presumida inocente. O comportamento descrito como resultado do medo é uma submissão total à vontade do agressor; a mudança provocada na personalidade é «...a introjecção do sentimento de culpa do adulto».*

O trauma decorre no seguimento do “desmentido” que o agressor faz quando confrontado com as “queixas” da criança. Uma vez que não suporta ouvir esses lamentos, o adulto desmente a criança, provocando nesta uma paralisação do pensamento e das palavras. Este entorpecimento bloqueia a capacidade intrínseca de representar, imaginar e falar.

Bertrant (2009) sublinha algumas características do mecanismo de defesa descritas por Ferenczi: (1) Resulta de um trauma primário; (2) Segue-se uma clivagem narcísica do ego; (3) Produz-se em situações de stress e medo extremos. O medo quando atinge o ponto máximo obriga o agredido a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar os seus desejos, a obedecer cegamente esquecendo-se de si próprio (passividade) e identificando-se ao agressor.

Ferenczi (1932), refere que o mecanismo de defesa identificação com o agressor faz desaparecer o agressor como realidade externa (aloplástico), este é incorporado, deixa de ser um objecto e passa a ser uma parte do ego. Dá-se, também uma eclosão intelectual que se revela através de uma capacidade inteligente da criança avaliar uma situação crítica dirigida no sentido de preservar a vida e o ego. Associado à clivagem do ego aparecem o narcisismo e o masoquismo como guardiões da vida psíquica. A personalidade resultante desta clivagem é uma personalidade super adaptada (um falso self para Winnicott).

No recente colóquio realizado em Paris (Janeiro de 2009) sobre a identificação com o agressor, várias questões foram abordadas em redor do tema pelos ilustres conferencistas intervenientes. Como não podia deixar de ser o nome de Ferenczi foi citado pela maioria. Ferruta (2009) referiu os impasses existentes entre a teoria e a técnica na clínica psicanalítica: *“É necessário, na relação analítica, criar uma dimensão dinâmica, móvel, que não prejudique a estrutura, e que permita oscilar entre posições diversas, a da vítima e do*

agressor, mediante a necessidade relacional e de sobrevivência, valorizando também a utilidade das defesas que possam ser utilizadas quando necessário, e abrindo espaços de mentalização para conhecer e apreciar o outro que não o ego”

Pariset (2009) frisou que o trabalho de contratransferência é extremamente desgastante para o analista quando emerge a situação traumática no paciente adulto, outrora agredido na infância. Assim como Guellec (2009): *“Na perspectiva do analista, tratar-se-á também de poder reconhecer os lugares ocupados como « agressor » na transferência e, sobretudo, na contra-transferência. Isto porque, uma apreciação errada das possibilidades de subjectivação conduz à repetição de uma identificação pelo agressor, porquanto rejeitada, em detrimento da aliança terapêutica”*

Zilkha (2009) focou na sua apresentação no referido colóquio uma abordagem à questão da identificação que vai de encontro às ideias defendidas no presente estudo: *“Tratando-se da identificação com o agressor, tal como no que respeita a qualquer outra forma de identificação, diferentes modalidades identificatórias existem ou coexistem em simultâneo. Elas não são equivalentes quanto à sua natureza ou quanto aos seus efeitos (...). Por efeito de retorno, esta evolução identificatória diferencial reenvia-nos para diferentes dimensões na constituição das identificações : por um lado, temos uma dimensão de luto e, por outro, uma dimensão traumática. A qualidade da identificação com o agressor depende, nomeadamente, da articulação destas duas dimensões.”*

As abordagens feitas por Ferenczi (1932) e Anna Freud (1936) ao mecanismo “identificação com o agressor” para além de divergirem em alguns aspectos, tal como já foi referido, parecem deixar algumas questões em aberto: *“Que papel atribuir à identificação com o agressor no conjunto da teoria analítica? Tratar-se-á de um mecanismo muito especial ou, pelo contrário, virá ele abranger uma parte importante daquilo que habitualmente se descreve como identificação? Designadamente, como virá articular-se com o que é clássico designar por identificação com o rival na situação edipiana? Parece que os autores que colocaram em primeiro plano, esta noção não formularam o problema nestes termos. Todavia é impressionante o facto de as observações relatadas situarem geralmente este mecanismo no quadro de uma relação, não triangular mas dual, que, como muitas vezes sublinhou Daniel Lagache é de fundo Sado-masoquista.”* (Laplanche & Pontalis; 1985)

As questões levantadas parecem pertinentes no decorrer da presente investigação. Para além destas acrescento as questões que são o cerne deste estudo: Será este, um mecanismo rígido e permanente na vida futura da criança traumatizada, ou um mecanismo que se transforma perante relações interpessoais (intra ou extra familiares) saudáveis ao longo da

vida? Na vida da criança só existe o agressor (relação dual)? Tendo em conta as várias formas de agressão possíveis, assim como a especificidade de cada caso, manifestar-se-á este mecanismo sempre da mesma forma e com a mesma intensidade?

Na tentativa de responder a estas questões, sinto que há um caminho longo para percorrer, porém procurarei respostas elucidativas. Creio que este mecanismo possa ser uma forma de identificação de cariz transitório, que se altera em função de relações interpessoais sanígenas (intra ou extra familiares) que o indivíduo estabelece no seu percurso de vida. Assim como, tendo em conta casos em que a criança agredida vive numa situação ambivalente (e.g. pai agressor e mãe protectora e afectuosa), o mecanismo poderá manifestar-se de forma diferente, uma vez que existe uma figura parental afectuosa com a qual a criança, também, se pode identificar. Penso que o mecanismo de defesa se possa manifestar de forma diferente, em função da forma e da dimensão da agressão. Os maus tratos sofridos pelas crianças podem ser físicos (hematomas, fracturas e queimaduras na sua forma mais grave), de abuso sexual, de violência psicológica e casos de negligência. As crianças vítimas de violência psicológica, foram durante muito tempo ignoradas das estatísticas (Doron & Parot, 2001).

De acordo com Bokanowski (2005), existem variações no conceito de trauma (traumatismo, traumático e trauma), estando traumatismo ligado à teoria da sedução e organizado pelo princípio do prazer, traumático ao aspecto mais económico do traumatismo e o trauma acontece quando há um ataque ao ego numa idade precoce, onde ocorrem as identificações primárias e as transformações das relações objectais (Freud, 1920; cit. por Bokanowski, 2005). Frankel (2002), alega que o mecanismo *identificação com o agressor*, surge mesmo em casos onde não se verificam traumas severos, podendo aparecer em pessoas adultas que se encontram numa posição fraca e indefesa, subordinados por alguém que se encontre numa situação de poder. Na perspectiva deste autor, este mecanismo pode ser extensível a situações em que se verifique uma situação de dominante/dominado, adquirindo, desta forma uma dimensão mais abrangente e flexível: “Diria que eu e o Frankel nos referimos actualmente às duas faces da mesma moeda: uma identificação flutuante e passageira como um processo de construção versus uma identificação permanente ou rígida como um mecanismo destrutivo.” (Bonomi, 2002, p. 158). Numa visão mais contemporânea, estes autores mostram uma análise mais abrangente dum conceito, anteriormente visto como algo que se manifestava de uma forma rígida e permanente em traumas severos. Pode, então, ser detectado noutro tipo de situações, quer esteja relacionado com um trauma, traumatismo ou algo traumático, sempre que haja uma relação de dominância sobre o outro.

Existem vários processos identificatórios na construção da identidade, como foi anteriormente referido, e dado à especificidade de cada caso considero provável que o mecanismo de defesa identificação com o agressor não se manifeste estático e permanente em todos eles.

Quando falamos em “identificação com o agressor” é incontornável não falar na Síndrome de Estocolmo e tentar perceber se existe algum paralelismo entre os dois, ou por outro lado, se existem diferenças. Para tal, estudei o famoso caso de Natasha Kampush, que apesar de ser um caso muito especial, parece enquadrar-se nesta síndrome, tendo em conta o que está descrito na literatura. Esta síndrome (conjunto de sinais e sintomas) parece resultar de uma situação de pânico, onde existe risco de vida, ou seja, parece ser algo de cariz reactivo, uma reacção psíquica perante um perigo eminente de morte, onde o único objectivo é a luta pela sobrevivência. Este mecanismo parece não ser só psíquico, mas também parece ter uma componente orgânica, uma vez que qualquer organismo vivo, perante uma ameaça de morte activa mecanismos endógenos que possibilitem a sobrevivência (e.g. situação de stress – aumenta os níveis de cortisol podendo o homem dar uma resposta *fight or flight/luta ou fuga*).

III. A identificação com o agressor e o Síndrome de Estocolmo

Desta forma penso que existem diferenças entre os dois, o mecanismo “identificação com o agressor” aparece descrito na literatura como resultante de um trauma de infância e o Síndrome de Estocolmo como uma reacção a uma situação de perigo (e.g. uma situação de refém num assalto a um banco). Passarei a analisar o que se diz na literatura acerca deste tema.

Partindo da análise psicológica de Natascha Kampusch, uma rapariga austríaca raptada aos dez anos de idade, a 2 de Março de 1998, mantida em cativeiro até aos seus dezoito anos de idade (altura em que conseguiu escapar), li o livro *Natascha Kampusch - A Rapariga da Cave* de Hall e Leidig (2007), que serviu de base de informação para o presente trabalho.

Os autores do livro, bem como as inúmeras notícias jornalísticas sobre o caso, indicam que a Natascha sofrerá de Síndrome de Estocolmo, pelo que se partiu para a investigação sobre o assunto, tendo-se encontrado muito pouca informação científica e estando a sua maioria no campo da investigação policial, ao nível das preocupações de situações de resgate de reféns. De facto, numa investigação sobre o assunto, recentemente publicada, Namnyak et. al (2008), referem que há ainda pouca pesquisa académica sobre a Síndrome de Estocolmo.

Com os estudos efectuados, encontraram-se alguns paralelismos com o mecanismo de defesa “identificação com o agressor”, descrito no modelo psicodinâmico.

Inicia-se, então, uma descrição da Síndrome de Estocolmo, fazendo-se o paralelismo com o caso de Natascha Kampusch e continuando-se para a sua integração com a “identificação com o agressor” na teoria psicanalítica.

Creio que a investigação à volta da Síndrome de Estocolmo, bem como a sua interligação com o mecanismo de identificação com o agressor, poderá trazer algumas luzes ao presente estudo. Por outro lado, estas questões poderão ajudar a esclarecer o quadro clínico apresentado por Natascha Kampusch, um caso único, como iremos ver adiante.

Tudo leva a crer que Natascha Kampusch desenvolveu a Síndrome de Estocolmo ou o mecanismo “identificação com o agressor” nos anos de cativeiro, e que a junção desse facto com alguns dados relevantes sobre a sua infância, acabou por conduzir a uma estrutura de personalidade do tipo limite/borderline, com traços obsessivos de contenção anal.

A Síndrome de Estocolmo é uma resposta psicológica por vezes encontrada em vítimas de sequestro que se expressa pela exibição de sentimentos positivos e de lealdade para com o(s) seu raptor(es). É, então, um fenómeno psíquico paradoxal, já que essa ligação positiva parece irracional à luz da situação (Dewey, 2007; Fabrique, Romano, Vecchi, & Hasselt, 2007; Jones, 2007).

O termo de “Síndrome de Estocolmo” surgiu depois do assalto ao *Kreditbanken* em Estocolmo, em 1973, no qual dois assaltantes mantiveram quatro empregados do banco como reféns durante seis dias. Durante o rapto as vítimas foram ficando emocionalmente ligadas aos seus raptos, tendo-os defendido após a sua libertação e mostrando um comportamento reticente nos processos judiciais que se seguiram. O termo foi cunhado pelo [criminólogo](#) e [psicólogo Nils Bejerot](#), que ajudou a polícia durante o assalto, e se referiu à síndrome durante uma reportagem. Desde então, foi adoptado pela psicologia, criminologia e sobretudo pelos *média* no mundo inteiro, tendo sido alaistrado a outras situações que não exclusivamente raptos (Dewey, 2007; Fabrique, Romano, Vecchi, & Hasselt, 2007; Fuselier, 1999; Sidran Institute, 1994).

Hoje em dia entende-se esta síndrome como uma resposta psicológica de um refém, ou de uma pessoa numa relação de poder semelhante, na qual a pessoa dominante possui o poder de colocar em risco a vida do dominado. Assim, não se restringe unicamente a situações de rapto. A investigação tem vindo a sugerir que esta condição se desenvolve em situações em que os captores não abusam (fisicamente) das suas vítimas, em situações longas e de contacto contínuo entre ambos, e em situações com elevados níveis de emoção. De facto, concluiu-se

que a probabilidade de a desenvolver estará relacionada com a intensidade do incidente, combinada com a não existência de abuso físico e não tanto com a sua duração, não sendo, assim, obrigatoriamente desenvolvida em todas as situações de rapto. (Fabrique, Romano, Vecchi, & Hasselt, 2007; Jones, 2007).

Após o rapto, Natascha foi conduzida para e fechada naquilo que presentemente denomina de seu quarto durante os oito anos que permaneceu enclausurada: uma minúscula divisão construída numa cave escondida na garagem da casa de Wolfgang Priklopil (seu raptor). Natascha vivia essa época duplamente aterrorizada: quer perante a hipótese dele não voltar e acabar por morrer ali fechada, sem água nem comida, longe do conhecimento de qualquer outra pessoa, quer perante as suas visitas: *“No início, eu não sabia o que era pior: se quando ele estava comigo ou se quando eu estava sozinha. Só fiz um acordo com Priklopil porque tinha medo de estar sozinha. Quando eu me portava bem, ele passava muito tempo comigo; quando não era boa, tinha de ficar sozinha no meu quarto”* (Natascha Kampusch, cit. por Hall & Leidig, 2007, p. 124). Com as suas visitas, aos poucos, Priklopil foi-se tornando uma figura paterna para Natascha, ensinando-lhe geografia e história, lendo com ela livros e histórias, respondendo às suas perguntas e explorando, desta forma, a sua vulnerabilidade. Lia-lhe também contos de fadas sobre princesas que eram salvas por nobres cavaleiros, como metáfora para as suas vidas, dizendo-lhe que era a única pessoa que se interessava com ela. Ao longo dos anos, Priklopil ajudou-a na sua educação escolar. Assim, nas palavras de Natascha (cit. por Hall & Leidig, 2007) *“A dada altura, começámos a ter uma vida muito normal. Falávamos bastante e víamos televisão”*. Por outro lado, no relato de Hall e Heidig (2007) sobre este caso, poucas são as vezes em que vemos Natascha referir-se a abusos físicos e, quando o faz, não parece dar-lhe muita importância ou relevo, chegando mesmo a afirmar que tinham um relacionamento terno.

Quanto a um eventual abuso sexual, Natascha não comentou qualquer ligação sexual, recusando-se a responder a qualquer pergunta sobre “intimidade”. Ernst Berger (cit. por Hall e Heidig, 2007), coordenador da equipa sociopsiquiátrica encarregue de Natascha, afirma que não há indícios de Natascha ter sofrido algum tipo de violência física, não havendo sinais disso no seu corpo. Os oito anos de contacto diário e exclusivo entre Natascha e Wolfgang Priklopil, bem como esta sua forma de actuar, de a ajudar e apoiar, sem dela abusar fisicamente, tornando-se, inclusivamente como que uma figura paterna, parecem perfilar, então, as condições para que a Síndrome de Estocolmo se desenvolvesse em Natascha.

Têm-se encontrado três características principais nesta síndrome, embora elas nem sempre coexistam: (1) Um sentimento positivo do refém pelo seu captor, (2) Medo,

desconfiança e raiva para com as autoridades, da parte dos reféns e (3) Sentimentos positivos do raptor pelos seus reféns, à medida que eles começam a vê-lo como ser humano (Dewey, 2007; Fabrique, Romano, Vecchi, & Hasselt, 2007). Natascha não revela medo das autoridades, mas é claro que possui sentimentos positivos perante Priklopil e vice-versa: por um lado, quando foi informada do suicídio do seu raptor, um dia depois do sucedido, a primeira reacção de Natascha foi de uma fúria intensa por a polícia ter permitido que isso acontecesse, referindo na carta que escreveu ao mundo que sente tristeza pela sua morte, já que este foi parte importante da sua vida. Por outro lado, o cuidado de se tornar paternal com Natascha, de a ensinar, lhe oferecer pequenos presentes, como estojos de maquilhagem, cosméticos e revistas juvenis (ainda que com um certo objectivo de a moldar ao seu ideal de mulher), e lhe ir concedendo pequenos privilégios ao longo dos anos, como, por exemplo, poder ter uma televisão e um rádio na sua cave, bem como poder passar a sair do seu cubículo para a casa (Natascha pôde sair da cave pela primeira vez ao fim de seis meses de cativo), primeiro para tomar banho e depois, aos poucos, para fazer limpezas, cozinhar e ver televisão, comprovam-nos que, apesar de tudo, Priklopil sentia alguma afeição pela sua refém. Parecem estar presentes, então, algumas das características principais descritas nos casos de Síndrome de Estocolmo.

Esta condição não resulta de uma decisão consciente ou de uma escolha racional da parte do refém, mas antes da activação inconsciente de um mecanismo de defesa psicológico, que vem ajudá-lo a aceitar, dominar, controlar e canalizar o perigo e a situação traumatizante (Kernberg, 2003). Assim, o ego saudável dos sujeitos procura uma forma de sobrevivência (Fabrique, Romano, Vecchi, & Hasselt, 2007). De facto, Cantor e Price (2007), numa perspectiva evolucionária deste conceito, encontraram a sua expressão em mamíferos, especificamente em primatas, demonstrando a sua inscrição no padrão biológico de confronto dos primatas.

Segundo Fabrique, Romano, Vecchi e Hasselt (2007), reforçados por Jones (2007), nos casos em que a síndrome se desenvolveu, o refém encontrava-se numa situação em que o raptor lhe havia retirado praticamente todas as formas de independência, ganhando assim controle sobre a sua vida, bem como sobre as suas necessidades básicas de sobrevivência. Alguns especialistas (p. ex: Ochberg, 2007; cit, por Dewey, 2007) afirmam que o refém regressará a um estado de infância, tendo que implorar por comida e manter-se silencioso, vivendo, assim, num estado extremo de dependência. Por contraste, o raptor serve de figura materna, protegendo a criança dum mundo externo perigoso e ameaçador, incluindo as armas de morte dos agentes da lei. A vítima começa, então, a lutar pela sua sobrevivência, tanto

confiando, como identificando-se com o seu captor. “*A necessidade que a vítima tem de sobreviver, é mais forte do que o impulso de odiar a pessoa que criou o seu dilema*” (Strentz, 1980; cit. por Jones, 2007). No caso da Natascha, não há um verdadeiro retorno à infância, visto que ela era ainda uma criança na altura em que foi raptada. No entanto, o seu enclausuramento na pequena cave, estando dependente das visitas do seu raptor como fonte de alimento, água e comunicação, coloca-a nessa posição de total dependência e vulnerabilidade ao agressor.

Assim, a sobrevivência destas vítimas requer que evitem reacções directas e honestas à situação que vivem, tendo que se sintonizar com as reacções de agrado e desagrado dos seus captores e podendo, inclusive, parecer mais preocupados com os sentimentos e emoções do raptor do que com os seus próprios. Desenvolvem, então, características psicológicas do agrado dos captores, como a dependência, falta de iniciativa, incapacidade de acção, decisão ou pensamento, bem como estratégias activas de sobrevivência como a negação, atenção às vontades do raptor, afecto (e medo) dele, apreensão perante a interferência da autoridade e adopção da perspectiva do raptor. De referir ainda, o foco da sua atenção nos actos de bondade dos raptos, devido a sentimentos de gratidão por não lhes ter sido tirada a vida (Fabrique, Romano, Vecchi, & Hasselt, 2007; Jones, 2007; Sidran Institute, 1994). A vítima identifica-se, então, com o seu agressor (Kernberg, 2003), ilustrando esta síndrome, segundo Kernberg (1999), numa visão psicanalítica, a total dependência de um objecto mau e persecutório.

Seria incontornável falar em “dependência de um mau objecto” e não destacar a teoria em torno da estruturação psíquica que Fairbairn teceu. O autor (1946) enfatiza que o ego não existe sem objectos, ou seja, existe inicialmente um Ego unitário, integral dotado de energia própria, que demanda a criação de relação com objectos externos, reais. O sucesso ou insucesso das relações (relações satisfatórias/ relações insatisfatórias) será um organizador estrutural do aparelho psíquico. Desta forma, se estas relações precoces forem satisfatórias o Ego permanece integral e intacto, por outro lado, quando estas se revelam insatisfatórias verifica-se a clivagem de uma parte do Ego (egos subsidiários) procurando uma relação com objectos internos compensatórios: “*O ego mantém relações com estes maus objectos internos num esforço para os controlar e para preservar as relações com a mãe real da contaminação pela frustração, raiva e anseios não satisfeitos.*” (Fairbairn cit. por Greenberg & Mitchell, 2003). A sobrevivência (física, psíquica) da criança depende do “outro”, mesmo que este lhe proporcione experiências dolorosas, luta pela relação, acreditando que controla, de forma onipotente, a malvadez existente. A criança introjecta as características más dos pais

tomando-as como suas e controlando-as. O problema está dentro de si e não dos pais que supostamente serão bons e justos: *“A criança experiencia-se como moralmente ruim, por forma a tornar acessível a possibilidade de se tornar moralmente boa, para voltar a ganhar boas relações com o objecto.”* (Fairbairn cit por Greenberg & Mitchell, 2003).

Segundo Hall e Leidig (2007), Natascha depressa percebeu que se, se comportasse de determinada forma, era recompensada com novos livros, roupas e doces e que, por isso, procurou agir segundo esse modelo do seu raptor. Natascha insiste também, que só ao fim de dois anos de rapto, aos 12 anos, começou a fazer planos de fuga: *“Por volta dos doze anos, comecei a pensar em fugir da minha prisão... mas não podia correr qualquer risco. Ele sofria fortemente de paranóia e era cronicamente desconfiado. Uma tentativa de fuga falhada significaria que nunca mais poderia sair da minha masmorra. A pouco e pouco, eu tinha de conquistar a sua confiança”*. Percebemos assim, a existência de um terror de tal ordem, que bloqueou qualquer tentativa de fuga (inclusive em pensamentos), durante os dois primeiros anos de vida. Durante esse tempo, Natascha procurou simplesmente sobreviver e ser minimamente bem tratada, agindo conforme o que o seu raptor via como positivo.

São geralmente indicadas quatro condições para que este mecanismo de defesa se desenvolva: (1) Ameaça da parte do raptor de matar a sua vítima, transmitindo a informação de ser capaz de o fazer, (2) Incapacidade de fuga da parte da vítima, dependendo a sua sobrevivência do raptor, tornando-se este a pessoa com controlo sobre as suas necessidades básicas de sobrevivência, (3) Isolamento da vítima do mundo exterior, tendo apenas acesso à perspectiva do raptor, que selecciona, assim, a informação disponível, numa tentativa de manter a sua dependência e (4) Após uma situação ameaçadora, o agressor evidencia alguma bondade para com a vítima. Esta última é, aliás, uma questão fundamental no desenvolvimento desta condição: ele não se dará se o raptor não exhibir alguns actos de bondade para com a sua vítima (Fabrique, Romano, Vecchi, & Hasselt, 2007; Jones, 2007).

Segundo Hall e Leidig (2007), Natascha temia que o seu raptor andasse sempre armado, e que, se fizesse o mais pequeno barulho, despoletaria explosões que os matariam aos dois e, de facto, ao ser questionada sobre o assunto, Natascha afirma que foi ameaçada por Priklopil. Este medo, bem como o seu enclausuramento numa cave tipo bunker, a sua total dependência do seu raptor para receber os bens de subsistência, e os aspectos de bondade já acima expressos dão-nos conta de três destas condições. Hall e Leidig (2007) contam-nos como Priklopil contava inicialmente histórias de terror a Natascha, sobre o mundo real, fundamentando-as com notícias de jornais sobre alcoólicos e toxicodependentes, dizendo-lhe *“Olha, tenho-te protegido destas coisas terríveis”* (Hall & Leidig, 2007, p. 127). Mais tarde,

quando permitiu que Natascha retomasse algum tipo de contacto com o exterior através dos média, seleccionava cuidadosamente a informação a que a deixava aceder: “*A certa altura, em 2000, Priklopil deu a Natascha acesso limitado a jornais, televisão e rádio. A vida no exterior passou a ser vista através do prisma daquilo que Priklopil queria que ela visse e ouvisse*” (Hall & Heidig, 2007, p. 132). Assiste-se assim, ao reunir de todas as condições para que Natascha tivesse desenvolvido esta Síndrome.

Segundo a informação colhida no site de Sidran Institute (1994), bem como a perspectiva de Kernberg (2003), no desenrolar da Síndrome de Estocolmo, desenvolvem-se certas distorções cognitivas nas vítimas, tais como: percepções estreitas, focadas no imediato, negação do abuso, não se reconhecendo como vítimas de abuso, minimização e racionalização do abuso, etc. Estas distorções cognitivas, por sua vez, servem três funções primárias: (1) Evitam que a vítima se sinta esmagada pelo terror, aumentando a sua capacidade de fazer o necessário para sobreviver, (2) Providenciam esperança na fuga através da conquista do abusador e (3) facilitam a ligação ao abusador, aumentando, dessa forma a probabilidade de sobrevivência.

Já vimos que inicialmente Natascha se concentrou em agir de acordo com o modelo do seu raptor, focando-se na necessidade imediata de sobreviver. Depois, verificámos como considera que o seu relacionamento com Priklopil era terno, recusando-se a responder a qualquer pergunta sobre “intimidade” e sendo incapaz de descrever o que esperaríamos ouvir: o terror e ódio. Por vezes, afirma que chegou a desejar matar o seu raptor, mas, ao ler o relato de Hall e Leidig (2007), a sensação com que se fica é de um enorme auto-controlo e negação, sobre o sucedido. Vimos também como Natascha considera que a sua existência, a certa altura, se tornou algo próxima do normal e na carta que escreveu ao mundo, após a sua libertação, afirma que tem consciência que a sua juventude foi diferente da dos outros, mas que, ainda assim, considera que teve vantagens, já que evitou o tabaco, o álcool e “amigos errados”, não sentindo, assim, ter perdido muita coisa. Parece, então, ser unicamente capaz de admitir e descrever três tipos de tortura a que esteve sujeita: fome, luz e ar. Encontramos, portanto, bem patentes no discurso de Natascha, marcas dessas distorções cognitivas a que se viu forçada a recorrer, durante tanto tempo.

Associado ao desenvolvimento desta síndrome está, então, um incidente continuado traumático, facto que levou muitos autores a relacionarem-na com o stress dos reféns (Dewey, 2007) e com a Perturbação de Stress Pós-Traumático (ICADV; Jones, 2007). Os professores Berger e Friedrich (Hall & Leidig, 2007), atestam que Natascha poderá manifestar stress pós traumático, dores de cabeça, náuseas, vômitos, desordens do sono e ataques de pânico.

O termo tem ainda vindo a ser expandido para outras áreas de investigação, surgindo em casos como o da violência doméstica (Graham & Rawling, 1991; cit. por Montero, ?; Jones, 2007), incesto, trauma e violação (Jones, 2007; Shirley, 2005), abuso de crianças, prisioneiros de guerra e membros de culto (Dewey, 2007).

Frankel (2005) e Rosenman (2003) vêm demonstrar-nos que se encontra na teoria psicanalítica uma descrição paralela deste mecanismo de defesa: *identificação com o agressor*. Este termo, como já referido, foi abordado por Ferenczi (1932), tendo-se-lhe referido, segundo Frankel (2005), da seguinte forma: “*Por ora há sempre uma parte da nossa própria percepção que permanece e resiste desistindo da identificação, apesar de perda deve reaparecer*”.

O mecanismo *identificação com o agressor* tem sido abordado ao longo dos tempos, desde a conceptualização original de Ferenczi (1932), até aos dias de hoje. Foi observado por vários autores, em alguns casos clínicos, nem sempre em concordância com esta teoria pioneira. Ferenczi (1932) distinguiu dois aspectos deste mecanismo: em primeiro lugar seria uma tática interactiva (ou estratégia social), utilizada pela criança face a uma relação de poder traumatizante, vivida com as figuras parentais. Em segundo lugar, verificar-se-ia uma mudança intrapsíquica na criança, consequência de um trauma severo. Neste processo identificam-se dois mecanismos: identificação e introjecção. A identificação está relacionada com a tentativa de sentir o que o outro sente e a introjecção é a interiorização da imagem do agressor.

No caso de Natascha, é possível observar a existência desse mecanismo através de certos comentários, que fez após a fuga: «*Assim que entrei no carro da polícia, pedi um cobertor para que ninguém me visse o rosto, para que ninguém me tirasse fotografias. Pensei que talvez um vizinho me pudesse tirar uma fotografia sobre a vedação e depois quisesse vendê-la. Como questão de princípio, posso reagir sempre rapidamente às situações. Eu sabia que não podia cometer erros.*», (Hall & Leidig, 2007, p. 203). As palavras de Natascha transparecem a existência dos processos de identificação e introjecção do agressor, uma vez que se assemelham à forma de agir do seu agressor que planeava tudo minuciosamente, prestando extrema atenção aos mais ínfimos detalhes. Tudo indica que consegue sentir de uma forma parecida à do agressor e que interiorizou a imagem dele, como se tivesse assimilado a sua personalidade. De acordo com alguns autores, a criança constrói um falso self (Winnicott, 1969), subordina-se mentalmente ao agressor. Torok e Abraham (1972), falam de uma morte parcial do self, onde as palavras e os pensamentos da criança são enterrados vivos e substituídos pelos desejos e formas de agir do agressor.

A *identificação com o agressor* tem consequências específicas no funcionamento intrapsíquico da vítima (Ferenczi, 1930/32), manifestadas pela clivagem, fragmentação da personalidade, abandono emocional e isolamento. Como se poderá ver, estes são alguns dos aspectos do comportamento de Natascha, encontrando-se descritos por Hall e Leidig (2007) e tendo sido também observados na grande entrevista televisiva que ela deu, pouco tempo depois da sua libertação.

De acordo com Frankel (2002), a criança que vivencia uma situação de trauma, desenvolve capacidades precoces (hipersensibilidade, super inteligência e clarividência) que lhe permitem lidar, de forma mais adaptativa, com uma experiência dolorosa. Também isto se verificou com Natascha: no período que passou em cativeiro, aproveitou o pouco tempo livre que dispunha, para estudar e ler, conseguindo assim aprender muitas coisas e manter-se informada acerca do que acontecia no mundo. Tornou-se uma pessoa sempre atenta (hipervigilante) e muito observadora, em relação a tudo o que se passava ao seu redor, já que todos os pormenores podiam ser importantes, quiçá vitais: «...*posso reagir sempre rapidamente às situações. Eu sabia que não podia cometer erros.*», (Natascha Kampusch, cit. por Hall & Leidig, 2007, p. 203). Certas observações feitas por Natascha, traduzem-se em manifestações do desenvolvimento dessas capacidades precoces. O facto de estar sempre alerta, ser extremamente observadora e assimilar o máximo de informação possível, permitiu-lhe conhecer o seu agressor de uma forma muito profunda, possibilitando, assim, prever as suas atitudes e desta forma proteger-se e sobreviver.

Existem relatos do psiquiatra Dr. Frankl (1945) da altura que esteve preso no campo de concentração de Auschwitz, onde referiu que: «*uma reacção anormal numa situação anormal, se torna lentamente num comportamento normal.*», (Hall & Leidig, 2007, p.191). Estes relatos tornam-se ilustrativos e poderão ajudar a compreender o que Natascha sentiu e passou em cativeiro: ela temia pela sua vida e, face a uma situação desta natureza, o seu objectivo passou a ser a sobrevivência. Contudo, temia também pela vida do agressor, já que se lhe acontecesse alguma coisa, ficaria encarcerada para sempre numa cave que se transformaria no seu túmulo.

Christoph J. Ahlers (cit. por Hall & Leidig, 2007), psicólogo alemão, refere-se a este caso como sendo um fenómeno único no mundo, uma vez que não há memória de um caso semelhante, onde uma rapariga sequestrada aos 10 anos é mantida durante 8 anos em cativeiro, conseguindo libertar-se ao fim desse tempo. É fundamental salientar que Natascha passou parte da sua infância e adolescência nestas circunstâncias, coincidindo com um período crítico do desenvolvimento humano, no qual evoluem processos maturacionais,

emocionais e psíquicos, que fazem parte dos alicerces estruturais da personalidade. Portanto, qualquer avaliação psicológica e diagnóstico que seja feito terão que ter em conta estes detalhes, uma vez que não existe material de suporte descrito na literatura que apoie este caso. Trata-se, portanto, de um caso novo que poderá levantar algumas questões em termos de avaliação psicológica.

Não existem dados suficientes que permitam estabelecer uma comparação e uma análise conclusiva entre homogeneidade do mecanismo de identificação com o agressor e a Síndrome de Estocolmo. São evidentes, algumas semelhanças, porém sobressaem também algumas diferenças como a idade e a ligação afectiva entre vítima e agressor. O mecanismo identificação com o agressor aparece descrito na literatura em idades muito precoces (infância), fase em que se verificam várias etapas da estruturação psíquica. A ligação afectiva entre a vítima e o agressor é de proximidade, de uma forma geral o agressor é uma figura parental ou cuidador da criança (vítima). Existem, portanto, laços relacionais, sejam estes consanguíneos ou não.

A Síndrome de Estocolmo, pelo contrário aparece referenciada na maioria dos casos em adultos, nomeadamente em situações de raptos. Geralmente, segundo o que aparece descrito na literatura, não existe qualquer relação afectiva ou conhecimento entre o agressor (e.g. raptor) e a vítima (e.g. vítima de sequestro). O impacto da agressão na idade adulta terá com toda a certeza um impacto diferente, uma vez que nesta fase da vida a personalidade da vítima já se encontra estruturada. Apesar de se encontrarem semelhanças nas reacções das vítimas na agressão sofrida, presumo que se encontrem muitas diferenças ao nível intrapsíquico.

No caso de Natascha, não existem dados suficientes que permitam fazer essa distinção e concluir se o mecanismo de defesa “identificação com o agressor” se verifica no seu funcionamento intrapsíquico. Por outro lado, levantam-se, também, as hipóteses de Natascha ter desenvolvido a Síndrome de Estocolmo ou até de esta coexistir com o mecanismo de defesa “identificação com o agressor”, partindo do princípio que se tratam de realidades distintas. Contudo não passam de meras hipóteses que conduzem a reflexões sobre o tema. Assim como se constatou na, possível, análise feita em torno da informação explorada no livro de Hall & Leidig (2007), Natascha parece evidenciar manifestações das duas possibilidades. No entanto esta investigação não é conclusiva, tendo em conta a escassez de dados obtidos, assim como a especificidade do caso em si.

Método

Delineamento :

Trata-se de um ensaio sobre o mecanismo de defesa identificação com o agressor. Realizaram-se entrevistas semi-directivas para recolha de dados anamnésicos aos casais participantes. As entrevistas são individuais e têm como objectivo recolher dados que permitam identificar as características individuais da personalidade, assim como as relações intra e extra familiares estabelecidas ao longo da vida. Pretende-se avaliar também os padrões de comportamento utilizados nas interacções familiares e sociais. Em suma as entrevistas têm por base recolher informações sobre o mecanismo de defesa “identificação com o agressor”.

Tendo em conta que pelo menos um dos membros do casal possui um histórico de violência familiar desde a infância, procura-se observar se o mecanismo “identificação com o agressor” se expressou ao longo da vida; se existe o aspecto transgeracional na transmissão do mecanismo *identificação com o agressor*, no contexto familiar; ou se por outro lado esse mecanismo oscila em função de outras relações estabelecidas ao longo da vida, nomeadamente a relação conjugal. As entrevistas semi-directivas serão devidamente estruturadas, tendo em conta a diversidade de dados que é necessário recolher. Serão feitas entrevistas aos casais, individualmente. Será feita análise de conteúdo das entrevistas considerando as seguintes categorias:

- **Relação afectiva com os pais;**
- **Formas de agressões sofridas na infância;**
- **Relação afectiva com agressor;**
- **Relação afectiva com outras pessoas significativas;**
- **Repetição de comportamentos agressivos;**
- **Mudanças sentidas na personalidade no percurso de vida;**
- **Processos identificatórios, identificação (s) e identidade;**
- **Existência (ou não) do mecanismo “identificação com o agressor”.**

Só foi possível realizar uma entrevista a cada participante, daí não ter sido aplicada a metodologia que inicialmente estava prevista: Grounded theory. Partiu-se, então para um ensaio sobre o tema fazendo a análise de conteúdo das entrevistas conseguidas.

Participantes

Os participantes são dois casais, com a particularidade de as mulheres serem irmãs e terem histórico de violência familiar desde a infância. Relativamente aos maridos, apenas um foi vítima de agressões na infância (casado com a irmã mais velha). Têm idades

compreendidas entre os 30 e 40 anos, um nível sócio económico médio e um nível de escolaridade médio superior. Serão utilizados nomes fictícios, no sentido de proteger a identidade dos mesmos. O primeiro casal são a irmã mais velha (Clara) vítima de violência física e psicológica na infância e o marido (Júlio) também vítima de violência, sobretudo física na infância.

O segundo casal é composto pela irmã de Clara (Vera), também vítima de violência física e psicológica na infância e o marido (Francisco) que não sofreu qualquer violência na infância.

A Clara tem 40 anos e o Júlio 42, estão casados há 20 anos e têm dois filhos com 19 e 14 anos. A Vera e o Francisco têm 36 anos, encontram-se casados há 15 anos e também têm dois filhos com 10 e 7 anos.

Ambos os casais alegam que têm casamentos felizes.

Procedimento

Os participantes foram escolhidos através de informação recolhida numa instituição, onde era conhecido o caso de violência familiar das irmãs. Apesar de nenhum dos casais se encontrarem ligados à instituição, foram indicados por uma funcionária da instituição. A funcionária apontou este caso, após a explicação daquilo que era pretendido, referindo que conhecia duas irmãs, vítimas de violência doméstica, com um pai alcoólico. Referiu que tinham casamentos, aparentemente, felizes e estáveis. Disponibilizou-se para estabelecer o contacto entre mim e os possíveis participantes, facto que agradei.

A instituição chama-se Humanus e funciona no hospital Júlio de Matos. A Associação Humanidades (IPSS) tem como objectivo intervir no sector social, com vista a promover pessoal, social e profissionalmente, cidadãos desfavorecidos em situação de risco e apoiar a sua inclusão. Neste âmbito insere-se o Humanus-CAM (Centro de apoio à mulher) dirigido a jovens mães, em situação de desfavorecimento, vítimas de violência familiar, desprovidas de apoio, nomeadamente em situações de gravidez precoce. Nestes casos, são acolhidas assim como os seus filhos, recebem apoio psicológico e encaminhamento em várias áreas, no sentido de serem integradas socialmente.

O contacto foi estabelecido através da funcionária, foi marcado um primeiro contacto onde se explicou aos participantes o conteúdo da investigação e se estariam disponíveis para participar na mesma. Acederam de boa vontade, atitude que agradei, uma vez que nem toda a gente se mostra disponível para participar numa investigação deste nível, onde são marcadas várias sessões, exigindo desta forma algum empenho e colaboração dos participantes.

Falou-se com os participantes acerca das entrevistas que seriam agendadas, sem definir o número exacto das mesmas, demonstraram a sua disponibilidade e aceitação. Ficou combinado o local onde se realizariam as entrevistas, escolhido em função do silêncio e privacidade, reunindo condições adequadas a todos os níveis, onde não houvesse interrupções nem barulho no momento de realização das mesmas. Foi entregue a carta de consentimento informado (consultar anexos) e forneceram-se explicações detalhadas, acerca do funcionamento das entrevistas, onde em primeiro lugar se garantiu a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos, como tal fez-se um apelo à honestidade e sinceridade das respostas do casal nas entrevistas. Fez-se também o pedido de poder utilizar gravadores áudio nas entrevistas, pedido que foi aceite. Foi anunciado aos dois que lessem a carta com atenção e que só assinassem se concordassem, o que se verificou em seguida. Marcaram-se então as entrevistas, tendo sido estas realizadas individualmente.

As entrevistas semi-directivas decorreram com normalidade, foram marcadas com intervalos de tempo e realizadas separadamente, tendo em conta a disponibilidade mútua dos intervenientes, assim como, foram tidos em conta os critérios da investigação.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram apenas do âmbito da metodologia qualitativa, uma vez que não se encontraram instrumentos quantitativos (escalas ou questionários) que medissem ou avaliassem as hipóteses do estudo em questão. Desta forma, pareceram convenientes e suficientes a utilização de entrevistas semi-directivas.

A recolha de dados anamnésicos foi feita tendo por base as questões padrão, habitualmente utilizadas nestas entrevistas. As entrevistas semi-directivas foram cuidadosamente construídas tendo em conta o tipo de informação que seria expectável recolher. As questões utilizadas nestas entrevistas podem ser consultadas em anexo.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A análise das entrevistas será feita à luz das seguintes categorias:

- **Relação afectiva com os pais;**
- **Formas de agressões sofridas na infância;**
- **Relação afectiva com agressor;**
- **Relação afectiva com outras pessoas significativas;**
- **Repetição de comportamentos agressivos;**

- **Mudanças sentidas na personalidade no percurso de vida;**
- **Processos identificatórios, identificação (s) e identidade;**
- **Existência (ou não) do mecanismo “identificação com o agressor”.**

1º Casal: Clara e Júlio

Análise da entrevista de Clara

Clara é uma mulher de 40 anos, com um aspecto cuidado, aparentando menos idade do que tem. Encontra-se casada com o Júlio há 20 anos e refere que tem um casamento muito feliz. Têm dois filhos, o mais velho com 19 anos e o mais novo com 14 anos. Foi vítima de agressões físicas e psicológicas por parte do pai.

No início da entrevista mostra um ar bem-disposto, confiante e um grande à-vontade. A entrevista decorreu com normalidade, mostrando-se a Clara sempre cooperante, respondendo com muita clareza às questões que iam sendo colocadas. Se no começo da entrevista transparecia alegria e boa disposição, no decorrer da mesma e à medida que ia falando do passado alterou ligeiramente o semblante manifestando alguma tristeza, principalmente quando falava do pai.

Passará, então, a ser feita a análise da entrevista de Clara tendo por base as categorias atrás mencionadas, explorando as respostas que vão de encontro à informação pretendida. Em relação, à primeira categoria - **relação afectiva com os pais**, a resposta dada por Clara foi: *“Não é muito fácil falar... foi uma relação complicada, principalmente com o meu pai. Se umas vezes me sentia amada, outras sentia-me odiada, é difícil explicar. Fui filha única durante 5 anos e nessa altura senti-me muito apapricada pelos meus pais, apesar de me lembrar que o meu pai sempre foi muito exigente que me impunha muitas regras, ao contrário da minha mãe que me deixava fazer tudo o que queria. Quando a minha irmã nasceu as coisas foram mudando, o meu pai começou a beber mais e tornou-se violento, batia na minha mãe e comecei a odiá-lo, mas ao mesmo tempo acho que gostava dele, afinal era meu pai. Sentia-me por vezes culpada, não sei porquê... Tinha muito medo do meu pai, era um ditador, tinha sempre um sentimento de protecção para a minha mãe, tinha um medo horrível que lhe acontecesse alguma coisa. A relação com a minha mãe era de um amor muito grande, ela sempre me protegeu muito e sempre me deu muito amor... a relação com o meu pai sempre foi conflituosa, uma relação de amor/ódio... é complicado descrever.*

Neste momento tenho o meu marido e os meus filhos, claro, sou independente, libertei-me daquela prisão... A relação que tenho com os meus pais, neste momento é distante, eles

continuam juntos. Revolta-me o facto de a minha mãe ser tão submissa, eu jamais me deixaria dominar dessa forma por um homem. Mas enfim! ... Ela é que sabe!”

Clara, mostra com esta resposta uma grande necessidade de falar, declara sentir-se revoltada em relação ao passado, tanto à relação afectiva dela com o pai, como à relação de submissão que a mãe mantém com este. É clara a ambivalência relacional existente com as figuras parentais, se por um lado se pronunciou sobre uma relação *conflituosa, uma relação de amor/ódio* com o pai (digamos que também esta ambivalente, contudo pesando mais os aspectos negativos), revela uma relação muito positiva com a mãe: *“A relação com a minha mãe era de um amor muito grande...”*

Sem querer tirar conclusões precipitadas, tudo leva a crer que Clara interiorizou, desde cedo, relações objectais ambivalentes (*“Se umas vezes me sentia amada, outras sentia-me odiada...”*): por um lado com o pai - um objecto mau (quiçá ambivalente, pois desencadeou uma relação de *amor/ódio*), castrador que provocava sofrimento; por outro com a mãe - um bom objecto que dava amor e que porventura tentava compensar o sofrimento da filha, sendo talvez demasiadamente permissiva (*“...ao contrário da minha mãe que me deixava fazer tudo o que queria.”*).

As **formas de agressões sofridas na infância** foram, segundo Clara: *“... mais psicológicas do que físicas. O meu pai bateu-me poucas vezes, a mim e à minha irmã. Uma ou duas, das quais com o cinto... Mas isso nem foi o pior... o pior foi a tortura psicológica a que fomos submetidas, eu, a minha irmã e a minha mãe. Foi horrível! Para além de alcoólico, o meu pai sofre, também, de stress pós-traumático de guerra, consequência da experiência que teve na guerra numa das antigas colónias. Era extremamente autoritário, dominador e agressivo... Se estava sóbrio tinha momentos que nos dava atenção, ensinava coisas, se estava bêbado e as coisas não lhe corriam bem tornava-se muito agressivo para todas, principalmente para a minha mãe. Às vezes estava bêbado e bem-disposto e então brincava connosco. É difícil descrever o que sentia naqueles momentos... Tinha um medo que me sufocava, ao mesmo tempo sentia uma revolta e um ódio muito grandes, cheguei a desejar que morresse. Sentia um terror muito grande, tinha vontade de o enfrentar, porém parece que as palavras não saiam, ficavam presas na garganta... Só na adolescência consegui fazer-lhe frente, sempre, de alguma forma fui a revolucionária da família, e lutei sempre contra o que me parecia injusto, neste caso contra a atitude do meu pai.”*

Considero que uma criança quando é batida com um cinto deva ser sentido como algo extremamente violento e doloroso, contudo Clara refere: *“Mas isso nem foi o pior...”*. Suponho, então que as agressões psicológicas, a que esteve sujeita foram extremamente

traumatizantes a ponto de desejar que o pai morresse. Descreve o que sentia associado a um medo e terror extremos: *“Foi horrível! (...) Tinha um medo que me sufocava, ao mesmo tempo sentia uma revolta e um ódio muito grandes (...) Sentia um terror muito grande...”*. De sublinhar que não só a Clara sofria agressões psicológicas, mas também a sua mãe e irmã, facto que a perturbava e refere ter lutado sempre contra isso: *“...de alguma forma fui a revolucionária da família, e lutei sempre contra o que me parecia injusto, neste caso contra a atitude do meu pai.”* Este facto é bastante curioso, uma vez que na literatura aparece descrito que nestes casos verifica-se uma submissão total à vontade do agressor e uma negação, por parte da criança, da agressão sofrida. Sem dúvida que temos aqui a Clara adulta a falar da situação, ficará sempre a dúvida se a Clara criança dissesse a mesma coisa, porém não deixa de ser um pormenor a ter em conta na presente análise.

Outro facto bastante interessante nas palavras de Clara: *“Sentia um terror muito grande, tinha vontade de o enfrentar, porém parece que as palavras não saiam, ficavam presas na garganta”*, fazem lembrar Torok e Abraham (1978, cit por Frankel, 2002), quando falam de uma morte parcial do self, onde as palavras e pensamentos da criança são enterrados vivos e substituídos pelos desejos e formas de agir do agressor. Resta questionar se essas palavras que ficavam presas na garganta eram mesmo substituídas pelos desejos e formas de agir do agressor, uma vez que a resposta de Clara não é elucidativa a esse respeito, apenas diz que *tinha vontade de o enfrentar*, mas só conseguiu fazê-lo na adolescência. Este facto parece de extrema importância no presente estudo, se em criança Clara teve vontade de enfrentar o agressor, mas não conseguiu fazê-lo, claramente porque dependia dele e não tinha autonomia para tal é na adolescência que o faz, altura da vida de grandes transformações identitárias. Parece ter construído um processo de identificação idiomórfico (Coimbra de Matos, 2006): *“Só na adolescência consegui fazer-lhe frente, sempre, de alguma forma fui a revolucionária da família, e lutei sempre contra o que me parecia injusto, neste caso contra a atitude do meu pai.”*

Quanto à **relação afectiva com agressor**, como já foi mencionado antes, foi uma relação conflituosa de amor/ódio, no entanto existem alguns aspectos a ter em conta na seguinte resposta: *“Não era sempre agressor, também nos deu atenção e afecto. Como já disse antes, senti mais esse afecto até à altura em que a minha irmã nasceu. Apercebi-me que o meu pai acha graça às crianças quando são pequenas, depois quando crescem perdem-na. Foi o que senti à medida que ia crescendo, cresciam os conflitos, divergências, enfim... O mesmo aconteceu com a minha irmã. Estava constantemente a criticar, a humilhar e a insultar-nos, era horrível! Dominava-nos, só ele é que tinha razão e só ele é que podia*

falar...tínhamos que ouvir, e calar... aqueles gritos e insultos... Eram odiosos! Só me libertei quando comecei a namorar e saí de casa.”

De salientar que apesar de tudo apontar para uma relação com o agressor maioritariamente negativa, também existiram alguns aspectos positivos: *“Não era sempre agressor, também nos deu atenção e afecto. Como já disse antes, senti mais esse afecto até à altura em que a minha irmã nasceu.”* Clara refere que também recebeu afecto do agressor, principalmente até à altura que a irmã nasceu (tinha 5 anos), altura em que sentiu mudanças no comportamento do pai, parece ter-se sentido confusa e manifestou sentimentos de ambivalência em relação ao pai: *“Quando a minha irmã nasceu as coisas foram mudando, o meu pai começou a beber mais e tornou-se violento, batia na minha mãe e comecei a odiá-lo, mas ao mesmo tempo acho que gostava dele, afinal era meu pai.”*

Anuncia que no presente mantém uma relação distante com pai e que se sente livre, tudo indica que até ao momento de sair de casa se sentiu prisioneira: *“Só me libertei quando comecei a namorar e saí de casa.”*

Clara sublinha que houve pessoas que passaram pela sua vida que foram muito significativas: *“ (...) Mas de um modo geral penso que hoje sou uma pessoa feliz com o meu marido e filhos e que ultrapassei esses traumas do passado. E claro que as experiências na minha infância não foram só negativas, nem tudo é negro! Sofri muito com o meu pai mas tenho muito boas recordações de muito boa gente que esteve presente ao longo da minha vida. Pessoas que nos ensinaram muito, com as quais vivemos bons momentos e que são para mim uma referência. A pessoa que sou hoje deve-se, também a pessoas maravilhosas que estiveram presentes na minha vida.”*

Importa dizer que esta mulher tem plena consciência da experiência que foi vítima na infância, do sofrimento pelo qual passou, contudo salienta as experiências positivas e as pessoas que para ela foram significativas e que no meio de um quadro de sofrimento a fizeram feliz e que para ela foram um modelo: *“Pessoas que nos ensinaram muito, com as quais vivemos bons momentos e que são para mim uma referência.”*

Relativamente à categoria - **repetição de comportamentos agressivos** – não se verificou na entrevista que existissem comportamentos idênticos aqueles que Clara referiu ter sido vítima. Certamente, podemos considerar que uma entrevista é pouco, para tirar conclusões e temos que ter em conta a subjectividade do entrevistado. Todavia, pareceu muito afirmativa e sincera nas palavras que proferiu face à seguinte questão: *Age com os seus filhos da mesma forma que os seus: pai/mãe agiram consigo?*

“Da mesma forma que o meu pai lidou comigo nem pensar! Longe disso! Sou muito diferente dele, sempre jurei a mim mesma que os meus filhos jamais passariam aquilo que eu passei. Agora, se calhar, lido com os meus filhos de forma parecida com a que a minha mãe lidava comigo. Acho que sou um bocadinho exigente com eles porque quero o melhor para eles, mas nunca como o meu pai que era um ditador e nos torturava... Quero que os meus filhos se sintam livres e sejam muito felizes.”

Faz uma identificação à mãe e refere ser muito diferente do pai. Sublinha, novamente a questão da liberdade e a vontade manifesta que os filhos sejam livres e felizes. Por outro lado, arriscaria dizer que faz uma contra identificação em relação ao pai quando diz: *“Longe disso! Sou muito diferente dele, sempre jurei a mim mesma que os meus filhos jamais passariam aquilo que eu passei.”*

Quando lhe perguntei: Alguma vez agrediu os seus filhos? De que forma e situação? Pareceu uma resposta sincera: *“Quando o meu filho mais velho era pequenino cheguei a dar-lhe umas palmadas no rabo, pois era muito reguila e fazia muitas asneiras, mas depois chegava a ficar com remorsos e passado algum tempo dava-lhe muitos beijinhos. Tirando isso nunca agredi os meus filhos, penso que há muitas formas de educar as crianças sem as agredir física ou psicologicamente, com muito diálogo, paciência e principalmente muito amor. Relativamente ao meu filho mais novo, como é muito calmo nunca lhe dei nem uma palmada, claro que o chamo à atenção quando é caso disso.”*

Estas “palmadas”, parecem, na realidade, muito diferentes das agressões que a vítima sofreu na infância. A questão dos remorsos, dá a sensação que há um regresso ao passado que lhe traz lembranças de momentos de sofrimento, talvez daí a questão dos beijinhos como se quisesse reparar o mal que fez ou por outro lado, numa atitude semelhante àquela que a mãe tinha com ela: *“ (...) ela sempre me protegeu muito e sempre me deu muito amor.”*

No que diz respeito às - **mudanças sentidas na personalidade no percurso de vida** – responde que sim e que lhe parece algo comum a toda a gente. À questão: A que se deveram essas mudanças? Respondeu: *“Senti que mudei bastante a partir do momento em que conheci o meu marido, casei e tive os meus filhos. Tornei-me uma pessoa mais confiante, mais madura, compreensiva e terna. Ao mesmo tempo notei que mudei alguns aspectos em mim devido à vivência que tive com as pessoas ligadas à minha vida profissional. Conheci muita gente, pessoas que hoje são grandes amigas e com as quais me identifico, pois aprendi muito com elas.”*

De salientar nesta resposta a importância da relação conjugal, referida ao longo da entrevista como uma relação feliz e estável, e da construção da família (filhos) como sendo

significativa na mudança da personalidade. Assim como a identificação a pessoas que foram significativas na vida de Clara. Sobressai aqui um processo identificatório idiomórfico, opondo-se a uma identificação alotriomorfa (identificação ao modelo, ao outro), como um processo que foi sendo construído ao longo da vida e no qual houve uma selecção de modelos (“*Conheci muita gente, pessoas que hoje são grandes amigas e com as quais me identifico...*”) e não a identificação única e exclusivamente a um modelo (o agressor) como seria esperado, tendo em conta os casos descritos na literatura psicanalítica clássica.

Os **processos identificatórios, identificação (s) e identidade** parecem ter seguido um percurso com algumas transformações ao longo da vida, como exposto na categoria precedente. Á questão: Considerando as pessoas das suas relações, com quem se identifica? Responde: “*Penso que me identifico comigo mesma e que a pessoa que sou é resultado daquilo que assimilei das pessoas importantes que passaram pela minha vida até agora. Ou seja, tenho a sensação que tenho um bocadinho de cada uma dessas pessoas dentro de mim. Não posso dizer que me identifico só com uma pessoa... Mas sem dúvida a pessoa mais parecida comigo e que amo profundamente é a minha irmã...*”

Dá uma resposta que se encaixa perfeitamente na abordagem que Coimbra de Matos (2006) faz relativamente à dinâmica dos processos identificatórios na construção da identidade no ser humano, sendo este habilitado de capacidades criativas e livre na escolha da sua própria criação psíquica, provido de um papel activo neste processo e não estando o seu psiquismo somente dependente de movimentos de introjecção e projecção ou movimentos miméticos adquiridos nas relações objectais precoces. Sem tirar a importância significativa das mesmas, tudo indica que ao longo da vida existem outras relações que parecem desempenhar um papel significativo na construção da identidade de cada ser humano. Neste caso, arrisco dizer que “o mecanismo identificação com o agressor” possa não ser algo assim tão previsível e pré-destinado, em todas as vítimas de traumas na infância. No presente caso, se o mecanismo se manifestou na fase em que a vítima viveu com o agressor, arrisco dizer que parece não se expressar neste momento.

Sublinho, também a importância que a irmã tem para esta mulher, pode-se dizer que é um objecto interno muito significativo, com a qual se acha parecida. Está subjacente uma grande cumplicidade e afecto entre as duas, entre razões óbvias de laços afectivos destaca-se a experiência similar que viveram juntas.

Tenho noção que se trata, apenas de uma entrevista, porém a informação recolhida pareceu-me pertinente para o estudo em questão e parece ir de encontro a algumas ideias

propostas. Desta forma, diria que tudo aponta para a não manifestação do **mecanismo de defesa “identificação com o agressor”** no presente.

Análise da entrevista de Júlio

Júlio, marido de Clara é um homem com 42 anos pai dos seus dois filhos. No início da entrevista mostra-se bastante disponível para colaborar, mas ao mesmo tempo um pouco apreensivo receando não conseguir responder às questões que seriam colocadas. Tranquilei-o, dizendo-lhe que só diria aquilo que estivesse na disposição de dizer, contudo, tal como aos outros participantes, pedi-lhe sinceridade e veracidade nas respostas, alegando confidencialidade nos dados, tal como estava explícito na carta de consentimento informado, previamente assinada por todos. Pareceu ter ficado mais descontraído e demos início à entrevista. Esta decorreu com normalidade, falou com tranquilidade, todavia mostrou algumas hesitações. Passaremos, então à análise da entrevista tendo por base as mesmas categorias.

Júlio descreve que teve uma **relação afectiva com os pais** distante, uma vez estes foram emigrantes, tendo ficado Júlio ao encargo dos avós maternos, no entanto referiu que viveu com os pais até aos 18 meses, depois ficou em Portugal com os avós maternos, tendo regressado para os pais aos cinco anos, período que durou 1 ano, voltando novamente para os avós, por motivos de não adaptação à escola. Contudo passava sempre o período das férias escolares com os pais. Esteve, então ao encargo dos avós até aos 18 anos, altura em que os pais regressam definitivamente a Portugal, passando a viver com eles até à altura que casou e saiu de casa: *“Foi uma relação distante porque não fui criado com eles e no presente não há bases para haver uma relação de pais para filhos, contínua distante em termos afectivos (...) Os meus pais nunca foram pais presentes, pois foram emigrantes e pensaram que me davam melhores condições de vida indo para o estrangeiro e esqueceram-se da parte afectiva, senti muito a falta deles. O pouco tempo que estava com eles nas férias ainda levava tarefas. Prometi que isso nunca iria acontecer com os meus filhos. ”* Por outro lado, diz ter sido vítima de agressões físicas por parte do pai: *“O pai em casa...sempre que eu não queria comer batia-me muito com o cinto... e na escola primária as professoras batiam-me porque era muito irrequeto e fazia muitas asneiras, mas era muito bom aluno”.*

O Júlio parece transparecer uma grande mágoa em relação ao distanciamento que teve e tem dos pais. A distância não foi somente física, como também emocional e afectiva. Gostava de sublinhar um facto nas palavras de Júlio que me parece importante: não disse “o meu pai” mas sim “o pai...”, parece não sentir o pai como tal, mas sim como alguém que lhe dava tarefas de cinto sempre que se recusava a comer. Tudo indica que a relação afectiva

passava pelo “acto de comer”, como se esta fosse a única forma que os pais encontraram de dar afecto (dar comer, dar coisas materiais).

De salientar, a contra identificação que Júlio faz em relação aos pais, curiosamente à semelhança de Clara: “*Prometi que isso nunca iria acontecer com os meus filhos.*” Tudo indica que o casal tem histórias de vida com aspectos semelhantes.

O Júlio aponta o pai como agressor, contudo por vezes fala no plural: “*O pouco tempo que estava com eles nas férias ainda levava tarefas.*” Só se refere à mãe uma vez (“*Em relação aos meus pais sentia-me mais chegado à minha mãe.*”), fala maioritariamente no plural (os meus pais), mas quando se referiu só ao pai disse “o pai”.

As **formas de agressões sofridas na infância**, foram maioritariamente agressões físicas em conjunto com o afastamento físico e emocional dos pais: “*Esforço-me para não fazer aos meus filhos aquilo que fizeram comigo, baterem-me para comer, estar longe como eles estiveram.*” Tudo aponta para uma relação traumática com a comida. Provavelmente a mensagem que Júlio queria passar seria mostrar que tinha outras necessidades (afectos) mais importantes que a comida.

Referiu que também foi agredido pelas professoras na escola: “*(...) na escola primária as professoras batiam-me porque era muito irrequieto e fazia muitas asneiras, mas era muito bom aluno!*”

A **relação afectiva com agressor**, para além de distante, foi, também, traumatizante devido às agressões físicas a que esteve sujeito nos curtos períodos que viveu com o mesmo. As respostas que Júlio deu foram bastante vagas, talvez pelo pouco tempo que viveu junto com o agressor e pelo sofrimento que lhe causarão estas memórias, não só as memórias das agressões físicas, mas também o afastamento (físico e emocional) dos pais. Porém refere que o agressor não foi só agressor: “O agressor era sempre agressor? Dava-lhe algum afecto?” “*Também dava afecto, não muito, mas também dava.*” No entanto ficamos sem saber que tipo de afecto era esse, com esta resposta tão evasiva.

Júlio refere o pai como agressor, mas em determinadas respostas fala no plural: “*Esforço-me para não fazer aos meus filhos aquilo que fizeram comigo, baterem-me para comer, estar longe como eles estiveram.*” Não se percebe muito bem se a mãe também o agredia, ou se lhe dava pouco afecto, em suma, que tipo de relação tinha com a mãe. Apesar de tudo, disse que se sentia mais chegado à mãe, mas fala muito pouco dela...

Na categoria **relação afectiva com outras pessoas significativas**, Júlio destacou a relação afectiva com o avô: “*(...) fui criado com os meus avós e o meu avô era quem me dava mais atenção e carinho.*”; com a esposa: “*(...) Claro que comecei a dedicar-me mais à*

minha mulher, quando estamos apaixonados penso que é normal. Senti-me mais meigo e dedicado. Foi a melhor coisa que me podia ter acontecido na vida, encontrei a minha cara-metade que me completa em todos os sentidos, como pessoa, em tudo. Tornei-me mais responsável. Acho que tenho uma relação estável que se baseia na confiança e sinceridade.” e com os filhos: *“Senti uma enorme felicidade de ser pai, realizei o sonho de ser pai (...) Acho que tenho uma boa relação afectiva com os meus filhos, não sou perfeito, mas tento ser um bom pai.”*

Tudo aponta que estas relações afectivas significativas tiveram um impacto positivo na vida e na personalidade de Júlio. Quando ele diz que se sentiu mais “*meigo e dedicado*” é um indicador que se produziu alguma transformação ao nível identitário. Neste caso, destaca-se a relação conjugal feliz e a importância que, segundo o mesmo, teve na sua vida.

Relativamente à **repetição de comportamentos agressivos**, poder-se-á dizer que possamos encontrar ligeiros traços de agressividade: *“Não sou tão agressivo como os meus pais foram, tento controlar essa parte. Esforço-me para não fazer aos meus filhos aquilo que fizeram comigo, baterem-me para comer, estar longe como eles estiveram. Tento ser um pai mais presente e amigo.”*

Quando Júlio diz que não é “*tão agressivo como os meus pais foram*” encontra-se subjacente que não é tão agressivo, mas que se calhar se sente “um pouco”, porém as palavras dele demonstram que luta, constantemente, contra isso: *“Sim, acho que algumas pessoas influenciaram a minha personalidade até os meus pais, pois tento tirar o que há de bom neles e esquecer o que é menos positivo (...) Não, porque quando chamo os meus filhos à atenção ou lhe dou alguma palmada, vem-me à cabeça o que o meu pai me fazia, batia-me muito, mas muito, com o cinto e jamais faria isso aos meus filhos. As situações são diferentes, dou umas palmadas e falo mais alto para dar educação, não lhes bato para comer e em situação alguma com o cinto, pois acho isso muito violento.”* É importante realçar que Júlio tem consciência das agressões que viveu, referindo-se a elas várias vezes como sendo algo que o entristece, não querendo que os filhos passem pelo mesmo sofrimento. No entanto, admite que dá umas palmadas e fala mais alto, justificando que o propósito é dar educação, mas afirma, com emoção, que jamais faria aos filhos o que o pai lhe fez (bater com o cinto).

Levantam-se algumas questões: Serão as palmadas e o “falar mais alto” repetição de comportamentos agressivos numa versão mais suave? Mas, questiono: quantos pais que não foram vítimas de agressões na infância e também dão palmadas e falam alto aos filhos? O que se encontra subjacente nas respostas de Júlio é que tenta fugir das memórias conturbadas de uma infância sofrida com agressões físicas por um lado e por outro, o distanciamento físico e

afectivo dos pais. Parece demonstrar uma luta constante para que os filhos não passem o que ele passou.

Essa luta constante está subjacente na resposta à seguinte questão: Age com os seus filhos da mesma forma que os seus: pai/mãe agiram consigo? “Não, evito. Não bato nos meus filhos para comer, ou por qualquer asneira que façam. Tento compreendê-los e ouvir o que tem para dizer, ser confiante e estar presente na vida deles para os poder ajudar.”

Ele próprio não se considera uma pessoa agressiva: “Não me sinto agressivo com ninguém. (...) Eu penso que não, mas pelo que dizem sim, porque dizem que grito quando estou a falar, às vezes quando estou mais exaltado.”

Algumas foram as **mudanças sentidas na personalidade no percurso de vida** de Júlio, segundo o próprio: “ (...) na maneira de estar, de pensar, de sentir, tentando sempre ser melhor.” Considera que estas mudanças se deveram: “Acho que se devem à evolução natural da pessoa, à idade, experiências de vida e às pessoas que nos rodeiam e que nos dizem alguma coisa: a minha esposa, os meus filhos e amigos.” Nesta resposta foca a importância das pessoas significativas que o rodearam, nomeadamente a esposa, filhos e amigos. Acredita que mesmo os pais influenciaram a sua personalidade e tenta afastar-se daquilo que considera ser menos positivo na maneira de ser deles: “Sim, acho que algumas pessoas influenciaram a minha personalidade até os meus pais, pois tento tirar o que há de bom neles e esquecer o que é menos positivo.”

É interessante salientar que as respostas de Júlio são bastante semelhantes às de Clara. Tendo em conta que têm um casamento de 20 anos, feliz, um passado com alguns aspectos semelhantes relativamente a agressões sofridas, é natural que partilhem do mesmo ponto de vista em relação a determinadas questões que lhe foram colocadas. As entrevistas foram individuais e com um curto espaço de tempo entre os dois, o que não tiveram tempo de trocar opiniões sobre as mesmas.

A informação recolhida até ao momento, parece abrir portas a uma perspectiva nova sobre o mecanismo de defesa “identificação com o agressor”, mas só no fim da análise feita a todas as entrevistas, se poderá ter uma visão mais abrangente sobre o assunto.

A categoria - **processos identificatórios, identificação (s) e identidade** – permite analisar as transformações sentidas na personalidade ao longo da vida, tendo em conta tudo ou todos os que contribuíram para tal. A resposta de Júlio à questão: Considerando as pessoas das suas relações, com quem se identifica? Foi: “Não sei! Não me identifico só com uma pessoa, porque as pessoas que conheço tem virtudes e defeitos, todas diferentes umas das outras... identifico-me com alguns pormenores: da maneira de ser, de estar, de sentir, de ver

a vida. Não há ninguém igual a ninguém, no fundo somos uma pessoa só, que ao longo da vida é influenciada pelos que o rodeiam e da qual irá seleccionar o que mais lhe agrada interiormente.” Encaixa perfeitamente na identificação idiomórfica (Coimbra de Matos, 2006), à semelhança da resposta de Clara. Por outro lado afasta-se da identificação alotriomórfica quando refere que não se identifica só com uma pessoa e que selecciona o que mais lhe agrada interiormente, tendo em conta as influências que recebe daqueles que o rodeiam.

Á questão: Como se descreve actualmente? Responde: *“Não sei! Sou feliz, tenho um casamento feliz, dois filhos formidáveis, sinto-me realizado com família que construí. Sou uma pessoa calma, dedicado à família, sociável, trabalhador, lutador, sensível e por vezes inseguro e com muitos medos, principalmente de perder a estabilidade familiar que conquistei.”*

Apesar da insegurança presente na resposta, dá um destaque à vida familiar feliz que conseguiu construir. Utiliza adjectivos, maioritariamente, positivos para se descrever. No final fala das suas inseguranças, apontando que o seu principal medo é perder a estabilidade familiar que conquistou. Este medo deve-se, provavelmente a toda a instabilidade emocional que viveu na infância e adolescência.

Relativamente à **existência (ou não) do mecanismo “identificação com o agressor”**, não parece que esteja presente no funcionamento intrapsíquico de Júlio.

2º Casal: Vera e Francisco

Análise da entrevista de Vera

Vera, irmã de Clara é uma mulher com 36 anos. Encontra-se casada com Francisco há 15 anos e têm dois filhos com 10 e 7 anos e encontra-se grávida do 3º filho. Aparenta um ar mais tímido do que Clara, talvez com alguma insegurança, porém mostra-se muito disponível para cooperar na entrevista. Mostrou-se, também bastante interessada no que se iria passar, dizendo que no fim gostaria de saber o “resultado”, se possível.

À semelhança de Clara, também, foi entristecendo ao longo da entrevista, à medida que falava no pai.

A **relação afectiva com os pais** foi, segundo Vera: *“Tanto no passado, como no presente, a relação afectiva com os meus pais foi e é bastante complexa, para além de ser bastante diferente. De facto, se sempre senti o “amor” que a minha mãe tinha por mim e pela minha irmã, o mesmo não acontecia com o meu pai. Enquanto que o amor materno, nem sempre expresso directamente, estava implícito no dia-a-dia, e era perceptível, os sentimentos*

paternos, nunca ou raramente se manifestaram ao longo da infância, e da vida adulta também. Não sei que tipo de sentimentos o meu pai nutre por nós, a opacidade é total.”

Nesta resposta sobressaem aspectos interessantes, comparativamente à resposta de sua irmã Clara. Se por um lado se assemelham na descrição que fazem acerca da relação afectiva com os pais, por outro afastam-se. Clara sublinhou aspectos positivos da relação que teve com os pais durante os primeiros cinco anos, referindo que apesar de o pai ser uma pessoa exigente, que impunha muitas regras, também se sentia apapricada. Após esse período, a resposta de Clara é próxima da resposta dada por Vera. De salientar que Clara viveu os primeiros cinco anos como filha única e tudo indica que foi um período mais calmo. Estes primeiros anos de vida têm um impacto importantíssimo no desenvolvimento intrapsíquico das crianças e na estruturação da futura personalidade.

A vivência de Vera parece ter iniciado de forma mais atribulada, altura em que o pai começou a beber e surgem, então, cenas de maior violência na família, segundo o relato de Clara. A resposta de Vera, apesar de tudo, tem um cariz mais negativo do que a da irmã. Destaca o amor materno, embora algo desvitalizado (“...o amor materno, nem sempre expresso directamente, estava implícito no dia-a-dia, ...”) em detrimento do amor paterno (“...os sentimentos paternos, nunca ou raramente se manifestaram ao longo da infância, e da vida adulta também.”).

Vera deixou transparecer uma grande fragilidade emocional nesta resposta, emanando alguma tristeza e desalento ao evocar estas memórias. Diz ter uma relação afectiva complexa, com os pais, tanto no passado como no presente, facto que parece incomodá-la bastante, como será natural. Trata-se de uma relação objectal ambivalente, por um lado um pai mau que agride e frustra e por outro uma mãe boa que dá amor.

Quanto às **formas de agressões sofridas na infância**, segundo as breves palavras de Vera, foi vítima de agressões psicológicas, descrevendo o pai como “*alcoólico, violento e ditador*”. Demonstra algumas dificuldades em falar sobre o assunto, devido ao facto das respostas breves que dá.

À questão: O agressor era sempre agressor? Dava-lhe algum afecto? Responde: “*Quase sempre. Os escassos momentos de afecto, se alguma vez existiram realmente, estavam sempre ligados a uma situação de que eu me envergonhava no dia-a-dia, ou seja, eles aconteciam quando o meu pai estava embriagado.*” Refere-se, com algumas dúvidas, a escassos momentos de afecto, transparecendo uma grande mágoa em relação ao pai. A relação que Vera teve com o pai traduz um impacto ainda mais negativo, do que aquele que Clara demonstrou.

A resposta que Vera deu à seguinte questão, torna-se bastante elucidativa quanto às consequências das agressões sofridas na infância: Acha que as experiências que teve na infância, afectaram, de alguma forma, a sua maneira de ser em adulto? *Sim e muito. O medo que senti, as cenas tristes a que assisti, tornaram-me uma pessoa angustiada, receosa, e influenciaram a minha relação com as outras pessoas, tal como o medo de dizer não ou de discordar de certas opiniões. Acho que essas experiências abafaram a verdadeira essência do meu ser.*

As mudanças sentidas por Vera, na sua personalidade vão, de alguma forma, de encontro à abordagem feita por Ferenczi (1932), em relação às transformações que se verificam na personalidade da vítima: *“O medo quando atinge o ponto máximo obriga o agredido a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar os seus desejos, a obedecer cegamente esquecendo-se de si próprio (passividade) e identificando-se ao agressor.”* (Ferenczi, cit. por Bertrand, 2009). Na afirmação de Vera, só não se percebe se, se identifica ao agressor, mas torna-se evidente o medo que sentiu e a submissão a outros, contudo não especifica se houve submissão ao agressor, mas tudo indica que sim. Houve o surgimento de um falso self (Winnicott, 1969) que se traduz nas palavras de Vera: *“Acho que essas experiências abafaram a verdadeira essência do meu ser.”*

A **relação afectiva com agressor**, é arriscado dizer que tenha sido ambivalente, uma vez que não existem dados suficientemente claros que indiquem que a relação afectiva foi unicamente negativa. Já vimos que nem mesmo Vera tem a certeza que existiu algum afecto da parte do agressor (*“Os escassos momentos de afecto, se alguma vez existiram realmente, ...”*). A relação afectiva com o agressor é sentida, maioritariamente, como negativa e sentida como sendo prejudicial para a sua vida e na relação com os outros: *“Tinha, de certa forma, medo dos outros e fazia tudo para não os desagradar, facto que continuou na adolescência e na vida adulta também (...) O medo que senti, as cenas tristes a que assisti tornaram-me uma pessoa angustiada, receosa, e influenciaram a minha relação com as outras pessoas (...) Sentia uma angústia enorme e um profundo desgosto de não ter um pai e uma família como os outros.”*

Na **relação afectiva com outras pessoas significativas**, destaca a mãe, a irmã e o marido. Relativamente à relação conjugal diz ser: *“É uma relação onde existe muito amor, carinho, partilha e compreensão.”* Sentiu-se apoiada pelo marido e mais segura, mas carregando consigo, em simultâneo, o peso de anos de sofrimento: *“Sim, de certa forma senti-me mais segura pois podia contar com o seu apoio. No entanto, não foi logo suficiente para apagar anos e anos de sofrimento psicológico.”* Sublinhei a palavra logo, porque me pareceu

interessante referir o que aqui se encontra latente. Subentende-se que a relação positiva que teve com o marido, não se reflectiu “logo” nas mudanças que sentiu em si própria, mas terá contribuído para tal.

Sente mudanças na sua personalidade, no presente, e sente-se cada vez mais distante do sentimento de inferioridade que possuía em relação aos outros, da falta de confiança que tinha em si própria: *“Durante muito tempo, senti-me numa posição de inferioridade relativamente aos outros, sentia-me menos capaz e infeliz por não ter uma família como os outros. Sentia uma grande falta de confiança em mim e uma baixa auto-estima. Isto está actualmente a mudar, e começo a sentir-me melhor comigo própria, o que se reflecte também na relação com os outros, dado que passei a valorizar-me mais.”*

Na categoria - **repetição de comportamentos agressivos** – vários aspectos devem ser avaliados. Em primeiro lugar, é notório nas respostas de Vera que sente que por vezes reproduz comportamentos agressivos, mas que é algo que detesta e luta contra isso: *“Sim, por vezes, não me consigo controlar e expludo, grito mas arrependo-me logo a seguir e sinto-me muito mal. Sinto que estou a reproduzir o que detesto e sempre detestei: os gritos, os conflitos, as cenas tristes.”* Diz sentir-se mais agressiva com o marido, mãe e irmã: *“Sim, sinto que sou mais agressiva com a minha mãe, com a minha irmã e com o meu marido também.”*

Em segundo lugar, faz uma identificação mista, diz sentir-se mais parecida com a mãe, porém sente que tem dentro dela alguns traços do pai, contudo, diz ela, menos pronunciados: *“Em termos afectivos, penso que, em parte, reproduzo os sentimentos maternos experienciados, o amor de mãe que sempre senti. Por outro lado, sinto também que certas “manias” e pressupostos paternos estão também latentes, embora numa escala muito menor.”*

A relação afectiva que tem com os filhos diz ser muito diferente daquela que viveu na infância com os pais, mas admite que por vezes grita com eles, referindo que isso acontece de forma distinta e em circunstâncias diferentes: *“Existe muito amor, escuta e compreensão, embora haja momentos mais tensos e se profiram alguns gritos...da minha parte (...) porque a imagem que damos enquanto casal e pais não é a mesma, e estamos sempre à escuta das necessidades deles, o que não era o meu caso, pois senti-me muitas vezes “abandonada”. Também, conversamos muito e tentamos compreender as reacções deles (...) Se gritar com eles é agredir, então sim. Às vezes os nervos falam mais alto e a explosão acontece, ao que se segue um longo momento de arrependimento dado que repenso no que vivi na infância.”* Será que estes gritos são comparáveis às formas de agressão a que Vera esteve sujeita? À primeira

vista parecem bem diferentes, uma vez que ela tem consciência que gritar pode ser uma forma de agressão, é um comportamento que lhe traz memórias do passado que a entristecem. Esta posição lembra a de Júlio, que referiu que nos momentos em que chama os filhos à atenção e lhe dizem que fala mais alto, tenta apagar essas lembranças e evitar que os filhos passem o que ele passou, transmite com isto que passou por um grande sofrimento.

Vera parece ser uma pessoa revoltada com o passado, à semelhança de Clara, contudo a visão que Vera tem do passado parece ser bastante mais negativa. Não se podem descurar todas as subtilezas anteriormente mencionadas que evidenciam alguns aspectos diferentes nas suas vivências na infância.

A propósito da repetição de comportamentos agressivos, tudo leva a crer que acontece de forma distinta e em circunstâncias diferentes: *“Não, as situações são completamente diferentes. Eu zango-me relativamente a certas coisas que eles fazem e que, a meu ver, repreensíveis. Ora, no meu caso, eu nunca fiz nada para provocar tais situações, elas vieram a mim sem que as tivesse chamado.”*

Foram já referidas algumas **mudanças sentidas na personalidade no percurso de vida**, contudo esta categoria deve ser analisada com algum detalhe.

De salientar que as respostas dadas por Vera são algo vagas, confessa ter sentido mudanças na personalidade no percurso de vida, nomeadamente num período mais recente. Todavia quando lhe foi perguntado a que se deveu, não foi muito clara na resposta: *“A um aumento da auto-estima e à confiança nas minhas capacidades, até agora “desprezadas”, dado que o meu pai sempre nos tratava de “merdas”.*” Explica que sentiu um aumento de auto-estima e confiança nas suas capacidades, mas não expõe os motivos dessa mudança, o que contribuiu para essas alterações, ou, por outro lado, se alguém contribuiu para essa mudança.

Podemos depreender que a relação conjugal feliz possa ser uma das causas dessa mudança, pois ao longo da entrevista é referida como algo positivo na sua vida, assim como o nascimento dos filhos, ou até outras pessoas significativas que não foram referidas. Mais uma vez responde de forma vaga à questão: Considera que as relações sociais e familiares que estabeleceu ao longo da vida, influenciaram a sua personalidade? *“Sim, porque o facto de os meus pais não formarem um casal “normal” e feliz sempre me magoou profundamente e me levaram a procurar essa “normalidade”, ao ponto de abafar a minha própria personalidade para me parecer com os outros. Acho que, durante muito tempo, fui o que outros queriam que eu fosse e fiz o que os outros queriam que eu fizesse, o que certamente “apagou” traços da minha verdadeira personalidade.”*

Curiosamente, quando refere que foi durante muito tempo o que os outros queriam que fosse, fala no plural e não no singular, fala dessa submissão aos outros como uma necessidade de ser apreciada por eles, nomeadamente os amigos: *“Raramente fui agressiva com os amigos, pois sentia uma grande necessidade de ser apreciada por eles, o que me levava, muitas vezes, a uma certa forma de submissão.”*

Mais uma vez se manifesta a existência de um falso self, tal como diria Winnicott (1969), aparentemente em fase de extinção, uma vez que Vera se encontra numa fase da vida que mostra ter consciência de tudo isto e dá indícios de querer mostrar a sua essência, tornando-se mais genuína.

A análise feita à categoria - **processos identificatórios, identificação (s) e identidade** – aponta essencialmente para uma identificação mista: *“Acho que sou mais parecida com a minha mãe, embora reconheça em mim alguns traços da personalidade do meu pai, o que nem sempre me agrada dado que fazem parte dos traços que menos aprecio em mim.”* Conclui-se, com esta resposta que Vera tem plena consciência que tem traços de personalidade tanto do pai como da mãe, porém identificando-se mais com a mãe e rejeitando os traços do pai.

Apesar da afirmação anterior, com quem Vera diz identificar-se é com a sua irmã. A importância de Clara na vida de Vera, para além dos laços fraternos que as unem, deve estar relacionada com o apoio mútuo nos momentos mais difíceis, de partilha de sofrimento e quiçá de alegria. De entre os objectos internos de Vera, Clara terá, com certeza, um lugar especial. Verificou-se a mesma posição na resposta de Clara, o que significa que as duas têm laços afectivos muito fortes.

Quanto à **existência (ou não) do mecanismo “identificação com o agressor”**, arriscaria dizer que há vestígios do mesmo, porém parece estar a desvanecer-se nesta fase actual e de mudança (segundo declarações suas na entrevista) da vida de Vera.

Análise da entrevista de Francisco

Francisco, marido de Vera é um homem com 36 anos. Tem um aspecto muito calmo, simpático e um pouco tímido. Mostrou-se pouco à vontade no início da entrevista, mas com o decorrer da mesma foi-se mostrando mais descontraído. Porém, não é uma pessoa de muitas palavras, deu respostas breves às questões que lhe foram sendo colocadas. De salientar que é o único dos quatro entrevistados que não foi vítima de agressões na infância.

Debruçar-me-ei sobre a análise das mesmas categorias, presentes na análise das entrevistas anteriores. A comparação dessa avaliação parece útil para a compreensão de alguns detalhes estudados em cada categoria.

Na categoria - relação **afectiva com os pais** – Francisco, diz que teve uma boa relação com ambos: *“Posso dizer que recordo um passado cheio de amor, com laços afectivos muito fortes com ambos, e um presente com alguma tristeza devido à perda da minha mãe... mas muito feliz, também... Tenho uma família maravilhosa, a minha mulher e os meus filhos.”*

No que diz respeito às **formas de agressões sofridas na infância**, não se pode considerar que Francisco tenha sido vítima de agressões, porém ele respondeu às questões da seguinte forma: Foi vítima de agressões na infância? *“Posso dizer que sofri pequenos insultos verbais por parte do meu pai.”* (Se sim) Quem era o agressor? *“Não posso considera-lo agressor, penso que era a forma de dar educação.”* Descreva o que sentia nos momentos em que foi vítima de agressão. *“Sentia-me um pouco desvalorizado, e sentia alguma falta de amor da parte dele. Mas, também era uma criança, não percebia muito bem as coisas e quando há irmãos, também sentimos ciúmes. Acho que é normal!”* O agressor era sempre agressor? Dava-lhe algum afecto? *“Claro que não, felizmente. Já disse que não o considero agressor, era se calhar um pai stressado! O lado afectivo estava mais presente, o meu pai também era afectuoso para comigo.”*

As respostas obtidas nestas duas categorias, dão-nos conta que Francisco experienciou uma infância feliz e que no presente momento se encontra ainda muito abalado pela perda da mãe, encontra-se em processo de luto.

A seguinte categoria seria dispensável: **relação afectiva com agressor**, dado à inexistência do agressor. Todavia, por uma questão de ordem serão observadas todas as categorias. O pseudo-agressor seria, neste caso, o pai que proferia alguns insultos ao filho, como o próprio referiu na entrevista. A relação afectiva foi referida como sendo muito positiva: *“Claro que não, felizmente. Já disse que não o considero agressor, era se calhar um pai stressado! O lado afectivo estava mais presente, o meu pai também era afectuoso para comigo.”*

Na **relação afectiva com outras pessoas significativas**, sobressaem a mãe, a esposa, os filhos e a avó. Com a mãe, parece ter existido uma relação anaclítica, de forte dependência, tendo em conta alguns comentários feitos: *“Tornei-me mais possessivo relativamente à minha mulher e aos meus filhos, pois tinha medo de os perder, como perdi a minha mãe (...) À morte da minha mãe, ao grande vazio da sua ausência e à falta do seu amor.”*

Salienta que existe uma relação conjugal cheia de amor e uma relação afectiva com os filhos muito chegada, com muito amor e carinho. Por fim aponta a avó como sendo a pessoa mais bondosa e atenciosa que já conheceu.

Nesta categoria - **repetição de comportamentos agressivos**, há um aspecto importante a ter em conta, uma vez que não tendo sido Francisco vítima de agressões na infância, não seria esperado encontrar no relacionamento as referidas “palmadinhas”. Estas “palmadas” foram mencionadas como parte integrante do relacionamento de Clara, Júlio e Vera com os seus filhos, mas estes foram vítimas de agressões na infância e o Francisco não. Provavelmente as “palmadas” não estarão relacionadas com o mecanismo de defesa “identificação com o agressor”

Segundo Francisco não houve grandes - **mudanças sentidas na personalidade no percurso de vida**. À questão: Sentiu mudanças no seu comportamento ao longo do percurso de vida? Respondeu: *“Tornei-me mais possessivo relativamente à minha mulher e aos meus filhos, pois tinha medo de os perder, como perdi a minha mãe.”* Deixa aqui transparecer algumas inseguranças, possivelmente interligadas à relação de dependência que tinha com a mãe.

Na categoria - **processos identificatórios, identificação (s) e identidade** – não existem muitos dados que permitam fazer uma análise conclusiva, uma vez que as repostas foram muito vagas. Ao contrário do primeiro casal que se identificaram a mais que uma pessoa, Francisco identifica-se à mãe: *“Sou mais parecido com a minha mãe, sob todos os aspectos.”* À pergunta: Considerando as pessoas das suas relações, com quem se identifica? *Com a minha avó, que eu considero ter sido a pessoa mais bondosa e atenciosa do mundo que eu jamais conheci.*

Francisco, não refere ter traços de personalidade de mais do que uma pessoa, identifica-se na íntegra, a uma pessoa só a mãe ou a avó.

Por fim, torna-se óbvio dizer que não se verificou a **existência do mecanismo “identificação com o agressor”**.

Síntese da análise das entrevistas

1º Casal: Clara e Júlio

Síntese da análise da entrevista de Clara e Júlio

CATEGORIAS	CLARA	JÚLIO
Relação afectiva com os pais	Ambivalente (ambivalente com o pai e positiva com a mãe)	Ambivalente (negativa com o pai e ambivalente com a mãe)
Formas de agressões sofridas na infância	Psicológicas e Físicas	Físicas
Relação afectiva com agressor	Ambivalente	Ambivalente e distante
Relação afectiva com outras pessoas significativas	Mãe; irmã; marido; filhos e amigos	Avô; esposa; filhos e amigos
Repetição de comportamentos agressivos	Algumas palmadas aos filhos (principalmente ao filho mais velho)	Algumas palmadas aos filhos (principalmente ao filho mais velho) e exaltação do tom de voz
Mudanças sentidas na personalidade no percurso de vida	Mudanças sentidas após o relacionamento afectivo com o marido e nascimento dos filhos; mudanças sentidas com colegas de trabalho que se tornaram amigos	Mudanças sentidas após o relacionamento afectivo com a esposa e nascimento dos filhos
Processos identificados, identificação (s) e identidade	Identidade construída com base em várias identificações de pessoas significativas no percurso de vida	Identidade construída com base em várias identificações de pessoas significativas no percurso de vida
Existência (ou não) do mecanismo “identificação com o agressor”	Não se verificou existência do mecanismo “identificação com o agressor” no presente	Não se verificou existência do mecanismo “identificação com o agressor” no presente

Tabela I: Síntese das categorias analisadas nas entrevistas do 1º casal

Síntese da análise das entrevistas

2º Casal: Vera e Francisco

Síntese da análise da entrevista de Vera e Francisco

CATEGORIAS	VERA	FRANCISCO
Relação afectiva com os pais	Ambivalente (negativa com o pai e positiva com a mãe)	Positiva
Formas de agressões sofridas na infância	Psicológicas e físicas	Não houve agressões, apenas referência a alguns insultos verbais do pai
Relação afectiva com agressor	Negativa	Positiva (o pai não é considerado aqui agressor, apenas um pai que proferia uns insultos)
Relação afectiva com outras pessoas significativas	Mãe; irmã; marido e filhos	Mãe, pai; avó; esposa e filhos
Repetição de comportamentos agressivos	Alguns gritos quando repreende os filhos; sente-se mais agressiva com o marido, mãe e irmã	Algumas “palmadinhas” na educação dos filhos
Mudanças sentidas na personalidade no percurso de vida	Mudanças recentes ao nível da auto-estima; da auto-confiança	Não houve grandes mudanças, apenas um sentimento de posse em relação à família (mulher e filhos), após a perda recente da mãe
Processos identificatórios, identificação (s) e identidade	Identidade construída com base na identificação à irmã e à mãe	Identidade construída com base na identificação à mãe e à avó
Existência (ou não) do mecanismo “identificação com o agressor”	Verificaram-se alguns vestígios do mecanismo “identificação ao agressor”, porém tendendo a desaparecer no momento actual	Não se verificou existência do mecanismo “identificação com o agressor” no passado nem no presente

Tabela I: Síntese das categorias analisadas nas entrevistas do 2º casal

DISCUSSÃO

Nesta fase final, é peremptório fazer uma análise conclusiva de todos os temas e questões abordadas ao longo do estudo, desde a conceptualização em torno do mecanismo de defesa “identificação com o agressor” até à análise prática das entrevistas realizadas, passando pela análise da “Síndrome de Estocolmo”. Nesta sequência, o exercício a ser feito, será uma tentativa de responder às questões levantadas no estudo, com o propósito final de trazer uma nova perspectiva ao mecanismo de defesa “identificação com o agressor”.

Em primeiro lugar será feita uma análise conclusiva das entrevistas, integrando os resultados à luz das abordagens teóricas, referenciadas no enquadramento teórico. A leitura da análise de conteúdo, feita às quatro entrevistas terá uma componente comparativa entre as mesmas.

O cerne deste estudo prende-se com a tentativa de resposta às seguintes questões, que serão abordadas com o rigor que lhes é possível:

1. Será este, um mecanismo rígido e permanente na vida futura da criança traumatizada, ou um mecanismo que se transforma perante relações interpessoais (intra ou extra familiares) saudáveis ao longo da vida?
2. Será o mecanismo “identificação com o agressor”, um mecanismo que oscila, em função dos vários processos identificatórios (identificação imagoico – imagética; identificação idiomórfica e identificação alotriomórfica) que coexistem no indivíduo no percurso da construção da identidade, verificando-se mudanças na sua personalidade?
3. Poderá uma relação conjugal feliz contribuir para uma mudança no funcionamento intrapsíquico do indivíduo traumatizado, sendo o mecanismo “identificação com o agressor”, um mecanismo de cariz transitório?
4. Tendo em conta as várias formas de agressão possíveis, assim como a especificidade de cada caso, manifestar-se-á este mecanismo sempre da mesma forma e com a mesma intensidade?
5. Poder-se-á dizer que o mecanismo de defesa “identificação com o agressor” e a Síndrome de Estocolmo são a mesma coisa?

Para além destas questões, outras tinham sido já levantadas, por alguns autores, em função de terem encontrado algumas lacunas, na teoria tecida em torno do mecanismo de defesa “identificação com o agressor.”

Laplanche & Pontalis (1985) levantaram as seguintes questões:

1. *Que papel atribuir à identificação com o agressor no conjunto da teoria analítica?*
2. *Tratar-se-á de um mecanismo muito especial ou, pelo contrário, virá ele abranger uma parte importante daquilo que habitualmente se descreve como identificação?*
3. *Designadamente, como virá articular-se com o que é clássico designar por identificação com o rival na situação edipiana? Parece que os autores que colocaram em primeiro plano, esta noção não formularam o problema nestes termos.*
4. *Todavia é impressionante o facto de as observações relatadas situarem geralmente este mecanismo no quadro de uma relação, não triangular mas dual, que, como muitas vezes sublinhou Daniel Lagache é de fundo sadomasoquista.*

Por fim será feita uma análise crítica ao presente estudo, avaliando possíveis contributos que possa ter trazido ao tema estudado, assim como as limitações sentidas no percurso da investigação. Como tal, serão feitas sugestões para futuros estudos com o intuito de poder aprofundar o conhecimento em redor da presente temática.

As entrevistas realizadas, aos dois casais (apesar de ter sido realizada apenas uma a cada participante, podendo isso não ser considerado significativo) foram ricas no que respeita à informação obtida, tendo sido pertinente para o estudo em questão.

Em síntese, é de salientar que três dos participantes foram vítimas de agressões físicas, psicológicas ou de ambas. Um dos participantes não foi vítima de qualquer agressão na infância. As mulheres são irmãs (Clara e Vera) e ambas foram vítimas de agressões físicas e psicológicas na infância. O marido da irmã mais velha (Júlio) também foi vítima de agressões físicas na infância. O único que não sofreu agressões na infância foi o marido da irmã mais nova (Francisco) e diz ter tido uma boa relação afectiva com os pais, apesar de alguns “insultos” que recebeu do pai.

Todos eles viveram com os pais, à excepção de Júlio que viveu a maior parte da infância com os avós, porém viveu durante alguns períodos da sua vida com os pais, como já foi referido anteriormente.

No caso das irmãs, a relação afectiva com os pais foi ambivalente, referem-se ao pai como o agressor, e salientam a relação positiva, de afecto que tiveram com a mãe. Júlio, também parece ter tido uma relação ambivalente e ao mesmo tempo distante, com os pais. No pouco tempo que viveram juntos, aponta o pai como o agressor e fala muito pouco da mãe, mas apesar de tudo proferiu alguns comentários positivos em relação à mãe.

Importa dizer que na amostra em questão, as vítimas de agressão viveram relações ambivalentes com os pais, neste caso tiveram, na maioria, uma relação de afecto positiva, com a mãe. Não quero, com isto, dizer que não existam outros casos de maus tratos por parte de ambos os progenitores, infelizmente haverá. Quero antes constatar que os casos observados e descritos na literatura apenas focam uma relação dual e não triangular, tal como alertaram Laplanche & Pontalis (1985). Levanta-se a dúvida se nesses casos descritos, as crianças em questão viveram relações de afecto ambivalentes ou exclusivamente negativas e traumatizantes, sem terem ninguém em seu redor que lhes tivesse dado afecto. Viveriam elas só rodeadas de agressores? Não me parece que isso fosse assim tão provável em todos os casos.

A relação afectiva com o agressor foi para Clara e Júlio ambivalente, referindo que apesar de tudo receberam algum afecto do agressor. Vera, no entanto caracteriza a relação com o agressor como quase exclusivamente negativa. Revela, ainda um grande sofrimento em relação a determinadas memórias do passado e define o agressor como sendo alcoólico, violento e ditador.

A relação afectiva com pessoas significativas foi algo de extrema importância nas vidas de Clara, Júlio e Vera. Todos enfatizaram essas relações como cruciais nas suas vidas. Para Clara a mãe, a irmã, o marido, os filhos e os amigos tiveram um papel de destaque na construção da pessoa que diz ser hoje. O Júlio refere-se ao avô, à esposa, aos filhos e aos amigos, como pessoas que contribuíram para a sua felicidade e realização. Vera destacou a mãe, a irmã, o marido e os filhos.

Quando se fala em relações com pessoas significativas, surge uma visão mais abrangente do ser humano no contexto social. Pensa-se no ser humano rodeado de pessoas (familiares ou não), com as quais poderá estabelecer relações positivas, que criem laços afectivos proporcionando um equilíbrio e bem-estar emocional. Sempre que se fala em vítima e agressor, não consigo imaginar (em todos os casos) a vítima isolada de tudo a lidar só com o agressor ou rodeada só de agressores. Obviamente que no mundo existem casos desses, como o de Natascha Kampusch, mas felizmente numa percentagem baixa.

Se observarmos a categoria – repetição de comportamentos agressivos – nos dois casais, conseguimos extrair dados interessantes. Vejamos, a Clara (vítima de agressões) dava, por vezes, algumas palmadas aos filhos (principalmente ao filho mais velho) quando se portavam mal; o Júlio (vítima de agressões) dava algumas palmadas aos filhos (principalmente ao filho mais velho) e levantava o tom de voz para os chamar à atenção; a

Vera (vítima de agressões) dá alguns gritos quando repreende os filhos e o Francisco (que não foi vítima de agressões) também dá algumas “palmadinhas” para educar os filhos.

Que conclusões tirar? Afinal as pessoas que não foram vítimas de agressões na infância, também dão “umas palmadinhas” aos filhos. Se calhar não podemos correlacionar as “palmadas” com o mecanismo de defesa “identificação com o agressor”. O Francisco aparece aqui como uma peça chave que permite fazer uma comparação, nesta categoria, com os restantes intervenientes.

Em relação às - mudanças sentidas na personalidade no percurso de vida – o primeiro casal relatou que sentiu mudanças no seu trajecto de vida, tendo em conta as pessoas significativas que estiveram ou estão presentes nas suas vidas. Clara relacionou-se com pessoas significativas na sua infância, para além da mãe e da irmã, que para ela foram uma referência. Sentiu mudanças, também, quando conheceu o seu marido, sendo este, uma pessoa que destaca como um marco importante na sua vida, assim como os filhos. Aponta alguns colegas de trabalho e amigos como pessoas com as quais aprendeu muito e com as quais se identifica. Júlio, por sua vez, salienta as mudanças sentidas após o relacionamento afectivo com a esposa e nascimento dos filhos.

No segundo casal as - mudanças sentidas na personalidade no percurso de vida – não foram descritas com tanta precisão como no primeiro casal. Vera conta que sentiu mudanças recentes ao nível da auto-estima; da auto-confiança, porém não especificou a que se deveram essas mudanças. O Francisco diz não ter sentido grandes mudanças, no entanto sublinha que houve apenas um sentimento de posse em relação à família (mulher e filhos), após a perda recente da mãe.

O ser humano, seu percurso de vida, de uma forma geral, sente transformações na sua personalidade e com certeza que muitas delas, se devem a determinadas pessoas que passam pelas suas vidas. A sua personalidade não será, exclusivamente dependente das relações precoces que teve com os seus cuidadores. O ser humano é provido de capacidades de aprendizagem, de liberdade de escolha que permitem desenhar o seu “ser psíquico”, sem que esteja designado a agir e a ser apenas uma criação, ou um produto das relações objectais primárias. Não quero, com isto, tirar a importância devida a estas relações e ao impacto que têm nos primeiros anos de vida da criança, mas sim lançar um olhar diferente sobre as possíveis transformações da personalidade no trajecto de vida do ser humano.

Na categoria - processos identificatórios, identificação (s) e identidade – encontraram-se algumas diferenças entre os dois casais. O primeiro casal dá respostas semelhantes. Clara mostra ter uma identidade construída com base em algumas identificações com pessoas

significativas no seu percurso de vida. A sua resposta à questão das identificações, é bastante interessante: *“Penso que me identifico comigo mesma e que a pessoa que sou é resultado daquilo que assimilei das pessoas importantes que passaram pela minha vida até agora. Ou seja, tenho a sensação que tenho um bocadinho de cada uma dessas pessoas dentro de mim. Não posso dizer que me identifico só com uma pessoa... Mas sem dúvida a pessoa mais parecida comigo e que amo profundamente é a minha irmã...”*

Júlio, por seu turno, também revela uma identidade construída com base em várias identificações que diz ter em relação a pessoas (ou traços das mesmas), significativas no percurso de vida: *“Não sei! Não me identifico só com uma pessoa, porque as pessoas que conheço tem virtudes e defeitos, todas diferentes umas das outras... identifico-me com alguns pormenores: da maneira de ser, de estar, de sentir, de ver a vida. Não há ninguém igual a ninguém, no fundo somos uma pessoa só, que ao longo da vida é influenciada pelos que o rodeiam e da qual irá seleccionar o que mais lhe agrada interiormente.”*

No segundo casal, também, se verificam respostas similares entre si, no entanto diferem, de alguma forma, das dadas pelo primeiro casal e são bastante mais vagas. A identidade de Vera parece ter sido construída com base na identificação à irmã e à mãe. Declara numa das questões que se sente parecida com a mãe, mas noutra diz que se identifica com a irmã. No caso de Francisco, fica a imagem que a sua identidade foi construída com base na identificação à mãe e à avó. Francisco, também diz que se acha parecido com a mãe, sob todos os aspectos, mas na questão sobre as identificações, responde que se identifica com a avó.

As respostas similares entre si, nos dois casais causam alguma surpresa, mas se pensarmos no facto de estarem casados há tanto tempo, poderá residir aí a explicação. Tendo em conta que têm casamentos felizes, supõe-se que tenham formas semelhantes de pensar e com certeza partilharam ao longo do tempo ideias e opiniões sobre os mais diversos assuntos.

Para terminar a análise conclusiva das entrevistas, resta analisar a ultima categoria - existência (ou não) do mecanismo “identificação com o agressor” – que culmina com o âmagio da investigação.

Os resultados obtidos vão, de algum modo, de encontro ao que era esperado: observar a oscilação do mecanismo “identificação com o agressor” em função das relações afectivas positivas no percurso de vida dos sujeitos.

No caso de Clara, após a análise da sua entrevista, não se verificou existência do mecanismo “identificação com o agressor” no presente. Não querendo com isto dizer que nunca se tivesse manifestado. Como já referi, antes, temos uma Clara mulher, adulta a falar

sobre o seu passado. Jamais poderemos avaliar a Clara criança a pronunciar-se sobre as suas vivências. No entanto, tendo em conta a análise de conteúdo feita às entrevistas tudo aponta para a não existência do mecanismo “identificação com o agressor” no seu funcionamento intrapsíquico. Tudo indica, segundo a teoria de Coimbra de Matos (2006) que Clara possui uma identidade construída através do processo identificatório idiomórfico (identifica-se à sua própria forma) e não sob um processo identificatório alotriomórfico (identifica-se ao outro, ao modelo).

À semelhança de Clara, o mecanismo “identificação com o agressor”, também não se verifica no funcionamento de Júlio, no presente, tendo por base os dados avaliados na entrevista. Ficará, também, a dúvida se, se verificou ou não no passado. Júlio viveu a maior parte da sua infância longe dos seus pais, e nos períodos que viveu com eles foi vítima de agressões físicas. Apesar destas experiências, recebeu, nesta fase da sua vida, amor do avô e posteriormente o amor da sua esposa e dos seus filhos. De forma idêntica à de Clara, a identificação idiomórfica ostenta estar presente na sua identidade.

O caso de Vera sobressai no meio dos outros, uma vez que se verificaram alguns vestígios do mecanismo “identificação ao agressor”, porém aparentando estar a desaparecer no momento actual. O medo que sentiu, com o agressor, conduzindo-a a uma atitude de submissão, atitude descrita por Ferenczi (1932) na sua teoria. O facto de ser aquilo que os outros esperassem que fosse, não conseguisse ser ela própria, agir de forma genuína, leva à emergência de um falso self, como diria Winnicott (1969). Para além disso, deu-nos conta da repetição de alguns comportamentos agressivos, referindo-se a estes como “gritos”. Confessou ter-se sentido mais agressiva com o marido, com a mãe e com a irmã. Terá sido, isto, um movimento de se colocar na pele do agressor, como diria Anna Freud (1936). O que é um facto, é que todas estas manifestações se enquadram no mecanismo de defesa “identificação com o agressor”.

Apesar de estes comportamentos terem estado presentes no funcionamento de Vera, estão, nesta fase da vida dela a desaparecer, tal como se constatou na análise de conteúdo da entrevista. Estamos, provavelmente perante uma oscilação do mecanismo de defesa, ou quiçá uma extinção do mesmo.

O Francisco, como seria previsível não revelou qualquer vestígio do mecanismo de defesa “identificação com o agressor” no passado nem no presente.

Tentar-se-á, agora responder às questões centrais do estudo:

1. Será este, um mecanismo rígido e permanente na vida futura da criança traumatizada, ou um mecanismo que se transforma perante relações interpessoais (intra ou extra familiares) saudáveis ao longo da vida?

O objectivo deste estudo é tentar expor uma perspectiva diferente do mecanismo de defesa “identificação com o agressor”. O que aparece descrito na literatura clássica, acerca do tema parece um pouco redutor para o ser humano. Pensar neste mecanismo como algo pré-destinado, um mecanismo rígido permanente na vida futura da criança traumatizada, parece uma visão muito limitada do ser humano.

Sem querer ser demasiado precipitada, arrisco dizer que penso que o mecanismo se possa extinguir, em função das relações interpessoais (intra ou extra familiares) saudáveis e positivas vividas, ao longo da vida, por uma criança que foi, outrora, vítima de trauma.

Tendo por base a pequena investigação realizada com os dois casais, anteriormente referidos, penso que os resultados obtidos, apesar de poderem ser considerados pouco consistentes, vão de encontro a essa possibilidade.

2. Será o mecanismo “identificação com o agressor”, um mecanismo que oscila, em função dos vários processos identificatórios (identificação imagoico – imagética; identificação idiomórfica e identificação alotriomórfica) que coexistem no indivíduo no percurso da construção da identidade, verificando-se mudanças na sua personalidade?

Tendo em conta a linha de raciocínio seguida ao longo do presente estudo, assim como os factos constatados nas entrevistas, sim, será a resposta a dar à questão. A identificação alotrio (ao outro) mórfica, é precisamente uma identificação mimética, na qual o sujeito assimila e imita as características do outro. Neste caso, poder-se-á dizer que **“a identificação com o agressor”** será uma **identificação alotriomórfica**. Laplanche & Pontalis (1985) levantaram esta questão: *“Tratar-se-á de um mecanismo muito especial ou, pelo contrário, virá ele abranger uma parte importante daquilo que habitualmente se descreve como identificação?”*

Mais uma vez, sublinho a crítica que Coimbra de Matos (2006) faz à psicanálise clássica e à psicopatologia dinâmica, onde esta identificação aparece como única na construção da identidade pessoal: *“O indivíduo identifica-se ao objecto eleito, o escolhido. É o objecto amado, admirado e também invejado, ao qual procuro assemelhar-me – introjectando*

atributos seus, reais e/ou imaginados. (...) É a identificação mais conhecida e a única que a psicanálise clássica e a psicopatologia dinâmica tradicional descrevem, como se o processo de construção de identidade se reduzisse à identificação ao modelo; é uma teoria, convenhamos, bastante reducionista – simplificadora mas restritiva. É, entendamos, subestimar maciçamente a capacidade diferencial e diferenciadora, e sobretudo, criativa de cada ser ou ente psíquico.” (Coimbra de Matos, 2006)

De facto, seria muito redutor para o ser humano se a construção da identidade se resumisse à identificação ao modelo. Como se cada indivíduo fosse inabilitado de usar capacidades criadoras e de ser livre de delinear o seu próprio ser psíquico. Como se estivesse destinado a seguir exclusivamente um modelo, sendo prisioneiro dentro de si próprio, replicando somente as acções de outrem, que outrora o agredira.

Zilkha (2009) refere-se aos aspectos dinâmicos dos processos identificatórios: *“Tratando-se da identificação com o agressor, tal como no que respeita a qualquer outra forma de identificação, diferentes modalidades identificatórias existem ou coexistem em simultâneo. Elas não são equivalentes quanto à sua natureza ou quanto aos seus efeitos (...). Por efeito de retorno, esta evolução identificatória diferencial reenvia-nos para diferentes dimensões na constituição das identificações : por um lado, temos uma dimensão de luto e, por outro, uma dimensão traumática. A qualidade da identificação com o agressor depende, nomeadamente, da articulação destas duas dimensões.”*

Sendo estes processos identificatórios de cariz dinâmico e transitório, no processo de construção da identidade no ser humano, seria simplificador pensar que uma criança traumatizada se regesse apenas pelos desígnios da identificação alotriomórfica, durante toda a sua vida. Citando o caso de Vera, podemos deduzir que tudo aponta para a passagem de uma identificação alotriomórfica, castradora e destrutiva durante um período da sua vida, para uma identificação idiomórfica, que a está a transformar, no presente, numa pessoa mais autêntica.

Se o mecanismo “identificação com o agressor” e a identificação alotriomórfica forem a mesma coisa, resta concluir que o mecanismo de defesa “identificação com o agressor” não deverá ser compreendido como um mecanismo rígido e permanente, na vida do ser humano traumatizado, mas sim um mecanismo que oscila em função dos vários processos identificatórios, dinâmicos e transitórios que coexistem no indivíduo no percurso da construção da identidade, onde as relações afectivas positivas têm um papel imprescindível.

3. Poderá uma relação conjugal feliz contribuir para uma mudança no funcionamento intrapsíquico do indivíduo traumatizado, sendo o mecanismo “identificação com o agressor” um mecanismo de cariz transitório?

Como foi defendido até aqui, as relações positivas (intra ou extra familiares) demonstram ter um impacto favorável na mudança no funcionamento intrapsíquico do indivíduo traumatizado.

A análise dos dois casais participantes no estudo, sugere que as relações conjugais felizes podem conduzir a mudanças no funcionamento intrapsíquico. De salientar o caso de Vera, como já foi referido anteriormente.

4. Tendo em conta as várias formas de agressão possíveis, assim como a especificidade de cada caso, manifestar-se-á este mecanismo sempre da mesma forma e com a mesma intensidade?

Sem dúvida que esta questão, não se encontra muito explorada na literatura. Ferenczi (1932), quando falava no trauma infantil, referia-se essencialmente a abusos sexuais. Anna Freud (1936) falou noutra tipo de agressões, físicas e verbais, mas, também, não avaliou as coisas tendo em conta essas especificidades. Frankel (2002), mostra uma visão mais abrangente, indicando que o tipo de trauma em questão afecta em simultâneo a extensão e a rigidez da identificação. Refere que o nível de resistência que cada pessoa demonstra, depende do objecto internalizado ser mais ou menos rígido e inflexível.

Neste sentido, acredito que o mecanismo de defesa se possa manifestar de forma diferente, em função da forma e da dimensão da agressão. Os maus tratos sofridos pelas crianças podem ser físicos (hematomas, fracturas e queimaduras na sua forma mais grave), de abuso sexual, de violência psicológica e casos de negligência. As crianças vítimas de violência psicológica, foram durante muito tempo ignoradas das estatísticas (Doron & Parot, 2001).

Os casais avaliados no presente estudo, apesar de terem sido vítimas de violência física e psicológica, não se inserem no grupo de vítimas de maus tratos na sua forma mais grave. O que se verifica, segundo Frankel (2002) é o facto do tipo de trauma existente afectar em simultâneo a extensão e a rigidez da identificação.

Creio que em função da especificidade de cada caso, este mecanismo se possa manifestar de diversas formas e com diferente intensidade. Sem dúvida que cada caso é um caso...

5. Poder-se-á dizer que o mecanismo de defesa “identificação com o agressor” e a Síndrome de Estocolmo são a mesma coisa?

Tal como referi, no respectivo capítulo sobre a Síndrome de Estocolmo, não existem dados suficientes que permitam estabelecer uma comparação e uma análise conclusiva entre homogeneidade do mecanismo de identificação com o agressor e a Síndrome de Estocolmo. São evidentes, algumas semelhanças, porém sobressaem também algumas diferenças como a idade e a ligação afectiva entre vítima e agressor. O mecanismo identificação com o agressor aparece descrito na literatura em idades muito precoces (infância), fase em que se verificam várias etapas da estruturação psíquica. A ligação afectiva entre a vítima e o agressor é de proximidade, de uma forma geral o agressor é uma figura parental ou cuidador da criança (vítima). Existem, portanto, laços relacionais, sejam estes consanguíneos ou não.

A Síndrome de Estocolmo, pelo contrário aparece referenciada na maioria dos casos em adultos, nomeadamente em situações de raptos. Geralmente, segundo o que aparece descrito na literatura, não existe qualquer relação afectiva ou conhecimento entre o agressor (e.g. raptor) e a vítima (e.g. vítima de sequestro). O impacto da agressão na idade adulta terá com toda a certeza uma dimensão diferente, uma vez que nesta fase da vida a personalidade da vítima já se encontra estruturada. Apesar de se encontrarem semelhanças nas reacções das vítimas na agressão sofrida, presumo que se encontrem muitas diferenças ao nível intrapsíquico.

O caso de Natascha Kampusch, citado e explorado aquando se abordou a Síndrome de Estocolmo, levanta muitas interrogações. Existem hipóteses de Natascha ter desenvolvido a Síndrome de Estocolmo ou até de esta coexistir com o mecanismo de defesa “identificação com o agressor”, partindo do princípio que se tratam de realidades distintas. Contudo não passam de meras hipóteses que conduzem a reflexões sobre o tema. Assim como se constatou na, possível, análise feita em torno da informação explorada no livro de Hall & Leidig (2007), Natascha parece evidenciar manifestações das duas possibilidades. No entanto esta investigação não é conclusiva, tendo em conta a escassez de dados obtidos, assim como a especificidade do caso em si.

É um caso extremo e raro e dado à sua especificidade deve ser tratado como tal. Não existe suporte na literatura que ilumine a compreensão do mesmo. Obviamente que se pode reflectir em torno dos escassos dados disponíveis, tal como foi feito no capítulo sobre o tema. Penso que os técnicos de saúde mental que a acompanham, possam daqui a uns anos ter material clínico suficiente para se poder fazer uma leitura do caso com maior clareza.

Das quatro questões interessantes levantadas por Laplanche & Pontalis (1985) acerca do tema, gostaria de fazer uma breve reflexão acerca daquela que me parece mais pertinente para o presente estudo:

4. *Todavia é impressionante o facto de as observações relatadas situarem geralmente este mecanismo no quadro de uma relação, não triangular mas dual, que, como muitas vezes sublinhou Daniel Lagache é de fundo sadomasoquista.*

De facto, é impressionante que os casos relatados na literatura coloquem o mecanismo “identificação com o agressor” enquadrado numa relação dual e não triangular. Seria, sem dúvida uma relação de fundo sadomasoquista, como apontou Daniel Lagache. Será que em todos estes casos a criança maltratada vivia isolada do mundo, só convivendo com o seu agressor, à semelhança de Natascha Kampusch? Não me parece provável, creio que alguns autores ao debruçarem-se sobre os casos colocaram só o enfoque na relação vítima – agressor, não referenciando as relações afectivas circundantes da criança.

Os três casos relatados, no estudo em questão, contrariam essa visão, relacionaram-se com o agressor, mas também se relacionaram com “não agressores”. Citando o caso das irmãs, a Clara e a Vera conviveram com um pai agressor, mas tinham uma mãe que dava afecto.

Creio que na maioria dos casos, existirá, de facto, uma relação triangular, no entanto os casos observados na literatura colocam o enfoque na relação dual: vítima – agressor. Qual será a razão? A resposta a esta questão só os respectivos autores a poderão dar... Nesta acepção, a questão de Laplanche & Pontalis (1985) permanecerá em aberto.

Considerações finais

Em termos conclusivos, gostaria de fazer uma análise crítica ao presente estudo, avaliando possíveis contributos que possa ter trazido ao tema estudado, assim como as limitações sentidas no percurso da investigação. Como tal, serão feitas sugestões para futuros estudos com o intuito de poder aprofundar o conhecimento em redor da presente temática.

Relativamente aos possíveis contributos que este estudo possa ter trazido ao tema estudado, penso acende uma perspectiva nova e diferente e abre portas a futuras investigações. Todavia é peremptório salientar que existiram limitações no decurso da investigação. O estudo seguiu um caminho diferente daquele que estava conjecturado inicialmente. Tinha-se previsto realizar mais entrevistas aos participantes do estudo, mas tal não foi possível. Optou-se então por fazer um ensaio sobre o tema, tendo por base, em termos práticos, a análise de conteúdo feita às quatro entrevistas efectuadas. Apesar de se poder considerar alguma fragilidade em termos de metodologia, creio que os resultados obtidos se podem considerar, algo, elucidativos e pertinentes, indo, de alguma forma, ao encontro dos objectivos propostos.

Penso que estudo pode abrir portas a futuras investigações: estudos de caso com observações mais longas no tempo e com vítimas dos diversos tipos de traumas, nomeadamente casos acompanhados em psicoterapia, nunca descurando as questões éticas; a aferição de uma escala que avalie este mecanismo de defesa nas várias dimensões, seria uma mais-valia, uma vez que não existe nenhuma escala aferida para a população portuguesa que ministre suporte experimental em estudos realizados sobre o mecanismo de defesa “identificação com o agressor”.

Em toda a pesquisa realizada, somente foi localizada uma escala que avalia os níveis de identificação com o agressor, porém restrita a uma população muito específica: os judeus. A escala pertence a um autor americano, Irving Sarnoff (1951), é uma escala tipo Lickert: *Jewish anti-Semitism scale (JAS)*. Não se encontrou informação psicométrica quanto á validade e fiabilidade. O objectivo do instrumento é medir os níveis de identificação com o agressor na população judaica. A escala avalia, possíveis rejeições ou adopções de atitudes anti-semitistas nos próprios judeus, outrora vítimas dessas mesmas atitudes, nomeadamente levadas a cabo por grupos nazis, sendo o Holocausto o exemplo mais flagrante, descrito na história. Este instrumento avalia, exclusivamente, a prevalência do mecanismo de defesa “identificação com o agressor” na referida população, num contexto social e cultural muito particular. Seria interessante criar uma escala que pudesse avaliar as questões levantadas no presente estudo.

Referências Bibliográficas

- Abraham N., Torok M. (1972). Introjecter-incorporer: deuil ou melancolie? *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 6, 111-122.
- Adler, H. (1995). [Recall and repetition of a severe childhood trauma](#). *International J. of Psycho-Analysis*, 76, 927- 17.
- Bateman, A.& Holmes, J. (1998). *Introdução à Psicanálise. Teoria e prática contemporânea* (1ªed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Bergeret, J. (2006). *O problema das defesas. Psicopatologia: Teoria e clínica*. Porto Alegre: Artmed.
- Bertrand, M. (2009). L'Identification à l'agresseur. *Revue Française de Psychanalyse*, Tome LXXIII, 1, 11-20.
- Bonomi, C. (2002). Identification with the aggressor: An interactive tactic or an Intrapsychic Tomb? Commentary on paper by Jay Frankel. *Psychoanalytic Dialogues*, 12 (1), 153-158. Consultado através da base de dados PEP Archive.
- Bokanowski, T. (2002). Traumatisme, traumatique, trauma (Traumatism, traumatic, trauma). *Rev. Fr Psychanalyse*, 66, 743-55.
- Blum, H. P. (1987). [The Role of Identification in the Resolution of Trauma: The Anna Freud Memorial Lecture](#). *Psychoanalytic quarterly*, 56, 609-19.
- Cantor, C. &Price, J. (2007). Traumatic entrapment, appeasement and complex post-traumatic stress disorder: evolutionary perspectives of hostage reactions, domestic abuse and the Stockholm syndrome. [Australian and New Zealand Journal of Psychiatry](#), 41 (5), 377 – 384. Resumo obtido a 8 de Novembro de 2008 através da base de dados: MEDLINE.
- Dewey, D. (2007). The Stockholm Syndrome. *American Scandinavian Foundation*. Consultado através da fonte: http://findarticles.com/p/articles/mi_qa3760/is_200704/ai_n19434763/print
- Doron, R. & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*.(1ªed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Fabrique, N. de, Romano, S. J., Vecchi, G. M., Hasselt, V. B. (2007). Understanding Stockholm Syndrome. *FBI Law enforcement bulletin*, 76 (7).
- Fairbairn, W. D. (1946). Object-relationships and dynamic structure. *International Journal of Psychoanalysis*, 27, 30-37.

- Ferenczi, S. (1932/1949). Confusion of tongues between the adult and child. (The language of tenderness and of passion). Paper delivered at the 12th International Psycho Analytic Congress in Wiesbaden, September 1932. *Int. J. Psycho-Anal.*, 30, 225-230.
- Ferenczi, S., (1990). *Diário Clínico*. Lisboa: Martins Fontes Editora Lda.
- Ferruta, A. (2009). L'Identification à l'agresseur. *Revue Française de Psychanalyse*, Tome LXXIII, 1, 57-67.
- Frankel, J. (2004). Identification with the agressor and the "Normal Traumas": Clinical Implications. *Int. Forum Psychoanal*, 13, 78-83. Consultado através da base de dados PEP Archive.
- Frankel, J. (2002). Identification and "traumatic aloneness": reply to commentaries by Berman and Bomoni. *Psychoanal Dial*, 12, 159- 70. Consultado através da base de dados PEP Archive.
- Frankel, J. (2002). Exploring Ferenczi `s Concept of Identification with the Aggressor: It's Role in Trauma, Everyday Life, and the Therapeutic Relationship. *Psychoanalytic Dialogues*, 12 (1), 101-139. Consultado através da base de dados PEP Archive.
- Freud, A. (1936). The ego and the mechanisms of defense. *International Universities Press, Inc* (Obra original publicada em 1937), 109-121.
- Freud, S. (1926). *Inibição, sintoma e angustia*, SE, 20, 77.
Londres: Hogart.
- Fuselier, D. (1999). Placing the Stockholm Syndrome in Perspective. *The FBI Law Enforcement Bulletin*, 68(7), 22-24.
- Greenberg, J. R., Mitchell, S. A. (2003). *Relações de objecto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- Guedeney, N. & Guedney, A. (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações* (1ª ed.)
Lisboa: Climepsi.
- Guellec, Y. (2009). L'Identification à l'agresseur. *Revue Française de Psychanalyse*, Tome LXXIII, 1, 37-57.
- Hall, A.& Leidig, M. (2007). *Natascha Kampusch, a rapariga da cave*.
Algés: Editora Difel.
- Hinshelwood, R. D. (1991). *Dicionário do pensamento kleiniano* (2ª ed.). Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Lda.
- Housel, D. et al. (2004). *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Iowa Coalition Against Domestic Violence (ICADV). (?). Section Three: Post Traumatic Stress Disorder and Stockholm Syndrome. *Advocate Training Manual*, 32-46
Consultado a 8 de Novembro de 2008 através da fonte:
http://www.icadv.org/lib/Resources/CDAA_Level_II/CDAAlevelIIPTSD.pdf
- Jones, A. (2007). Post-Traumatic Stress disorder, rape trauma syndrome and battering. *Student Material to victim empowerment: bridging the systems mental health and victim service providers*, 43-73.
- Kernberg, O. (1991). The Psychopathology of Hatred. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 39S, 209-238. Consultado a 29 de Outubro de 2008 a partir da base de dados PEP Archive.
- Kernberg, O. (1995). *Transtornos graves de personalidade: estratégias psicoterapêuticas*. Porto Alegre: Artes Médicas (Obra original publicada em 1984).
- Kernberg, O. (2003). Sanctioned social violence: A psychoanalytic view Part II. *International Journal of Psycho-Analysis*, 84 (4), 953-968. Consultado a 29 de Outubro de 2008 a partir da base de dados PEP Archive.
- Klein, M. (1952). *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides, os progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1985). *Vocabulário de Psicanálise*. (6ªed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Matos, C. (2006). *Psicanálise e psicoterapia psicanalítica* (2ªed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Montero, A. (?). *El síndrome de Estocolmo doméstico en mujeres maltratadas*. Consultado através da fonte: <http://www.nodo50.org/mujeresred/violencia-am.html>
- Namnyak, M., Tufton, N., Szekely, R., Toal, M., Worboys, S., Sampson, E. L., (2008). 'Stockholm Syndrome': psychiatric diagnosis or urban myth? *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 117 (1), 4-11. Resumo obtido a 1 de Novembro de 2008 através da base de dados: Psychology and Behavioral Sciences Collection.
- Pariset, O. (2009). L'Identification à l'agresseur. *Revue Française de Psychanalyse*, Tome LXXIII, 3, 109-124.
- Rosenman, S. (2003). Assaultive projective identification and the plundering of the victim's Identity. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 31 (3), 521-540. Consultado a 29 de Outubro de 2008 a partir da base de dados PEP Archive.
- Roudinesco et al. (2000). *Dicionário de Psicanálise*. Mem-Martins: Editorial Inquérito.

- Sarnoff, I. (1951). Identification with the aggressor: Some personality correlates of anti-semitism among jews. *Journal of Personality*, 20 (2), 199-220.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*.
Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Sidran Institute. (1994). *What Are Traumatic Memories?* Consultado através da fonte:
<http://www.sidran.org/sub.cfm?contentID=74§ionid=4>
- Shirley, J. (2005). Stockholm Syndrome and child sexual abuse. *Journal of Child Sexual Abuse* 14 (3), 107-129. Resumo obtido a 1 de Novembro de 2008 através da base de dados: Academic Search Complete.
- Winnicott, C., (1969). *Da Pediatria à Psicanálise*.
Paris: Payot.
- Zilkha, N. (2009). L'Identification à l'agresseur. *Revue Française de Psychanalyse*,
Tome LXXIII, 3, 153-163.

ANEXOS :

- **ANEXO A** (ENTREVISTA SEMI-DIRECTIVA)
- **ANEXO B** (ENTREVISTA SEMI-DIRECTIVA DA CLARA)
- **ANEXO C** (ENTREVISTA SEMI-DIRECTIVA DO JÚLIO)
- **ANEXO D** (ENTREVISTA SEMI-DIRECTIVA DA VERA)
- **ANEXO E** (ENTREVISTA SEMI-DIRECTIVA DO FRANCISCO)
- **ANEXO F** (CARTA DE CONSENTIMENTO INFORMADO)

Entrevista semi-directiva

1. Fale-me da relação afectiva com os seus pais (no passado e no presente).
2. Com qual deles se acha mais parecido/a? Com o pai, com a mãe ou com ambos?
3. Na infância, a quem se sentia mais chegado?
4. Foi vítima de agressões na infância?
5. (Se sim) Quem era o agressor?
6. Descreva o que sentia nos momentos em que foi vítima de agressão.
7. O agressor era sempre agressor? Dava-lhe algum afecto?
8. Que tipo de criança era? Como se descreveria?
9. Acha que as experiências que teve na infância, afectaram, de alguma forma, a sua maneira de ser em adulto?
10. Sentiu alguma mudança no seu comportamento, em relação aos outros, depois de ter iniciado o relacionamento afectivo com o seu cônjuge?
11. De que forma descreve a sua relação conjugal?
12. Quando nasceram os vossos filhos o que sentiu (em relação ao primeiro e em relação ao segundo)?
13. Sentiu que algo mudou em si após o nascimento dos seus filhos?
14. No relacionamento com os seus familiares, tem comportamentos agressivos?
15. Age com os seus filhos da mesma forma que os seus: pai/mãe agiram consigo?
16. Como é a relação afectiva com os vossos filhos?
17. Acha a relação afectiva que tem com os vossos filhos semelhante à que teve com os seus pais?
18. Alguma vez agrediu os seus filhos? De que forma e situação?
19. (Se sim) Fá-lo nas mesmas situações e da mesma forma que o fizeram a si?
20. Como se relaciona socialmente (com colegas de trabalho; amigos e outros familiares)?
21. Sente que é mais agressivo com algumas pessoas do que com outras? Com quem e porquê?
22. Sentiu mudanças no seu comportamento ao longo do percurso de vida?
23. (Se sim) A que se deveu?
24. Considera que as relações sociais e familiares que estabeleceu ao longo da vida, influenciaram a sua personalidade?
25. Considerando as pessoas das suas relações, com quem se identifica?

26. Como se descreve actualmente?

Entrevista semi-directiva (Clara)**1. Fale-me da relação afectiva com os seus pais (no passado e no presente).**

Não é muito fácil falar... foi uma relação complicada, principalmente com o meu pai. Se umas vezes me sentia amada, outras sentia-me odiada, é difícil explicar. Fui filha única durante 5 anos e nessa altura senti-me muito apapricada pelos meus pais, apesar de me lembrar que o meu pai sempre foi muito exigente que me impunha muitas regras, ao contrário da minha mãe que me deixava fazer tudo o que queria. Quando a minha irmã nasceu as coisas foram mudando, o meu pai começou a beber mais e tornou-se violento, batia na minha mãe e comecei a odiá-lo, mas ao mesmo tempo acho que gostava dele, afinal era meu pai. Sentia-me por vezes culpada, não sei porquê... Tinha muito medo do meu pai, era um ditador, tinha sempre um sentimento de protecção para a minha mãe, tinha um medo horrível que lhe acontecesse alguma coisa. A relação com a minha mãe era de um amor muito grande, ela sempre me protegeu muito e sempre me deu muito amor... a relação com o meu pai sempre foi conflituosa, uma relação de amor/ódio... é complicado descrever.

Neste momento tenho o meu marido e os meus filhos, claro, sou independente, libertei-me daquela prisão... A relação que tenho com os meus pais, neste momento é distante, eles continuam juntos. Revolta-me o facto de a minha mãe ser tão submissa, eu jamais me deixaria dominar dessa forma por um homem. Mas enfim... ela é que sabe!

2. Com qual deles se acha mais parecido/a? Com o pai, com a mãe ou com ambos?

Acho que tenho coisas dos dois. Penso que sou um pouco mandona como o meu pai, mas não da forma ditadora como ele o fazia. Sabe, gosto das coisas à minha maneira, gosto de liderar, mas respeito os outros. Tenho muitas coisas como a minha mãe, a meiguice, a preocupação com os outros (principalmente com os filhos), a maneira de falar e de me relacionar com os outros, a simpatia, etc.

3. Na infância, a quem se sentia mais chegado?

À minha mãe, sem dúvida...

4. Foi vítima de agressões na infância?

Sim, bastantes, mais psicológicas do que físicas. O meu pai bateu-me poucas vezes, a mim e à minha irmã. Uma ou duas, das quais com o cinto... Mas isso nem foi o pior... o pior foi a tortura psicológica a que fomos submetidas, eu, a minha irmã e a minha mãe. Foi horrível! Para além de alcoólico, o meu pai sofre, também, de stress pós-traumático de guerra, consequência da experiência que teve na guerra numa das

antigas colônias. Era extremamente autoritário, dominador e agressivo... Se estava sóbrio tinha momentos que nos dava atenção, ensinava coisas, se estava bêbado e as coisas não lhe corriam bem tornava-se muito agressivo para todas, principalmente para a minha mãe. Às vezes estava bêbado e bem-disposto e então brincava connosco. É difícil descrever o que sentia naqueles momentos... Tinha um medo que me sufocava, ao mesmo tempo sentia uma revolta e um ódio muito grandes, cheguei a desejar que morresse. Sentia um terror muito grande, tinha vontade de o enfrentar, porém parece que as palavras não saiam, ficavam presas na garganta... Só na adolescência consegui fazer-lhe frente, sempre, de alguma forma fui a revolucionária da família, e lutei sempre contra o que me parecia injusto, neste caso contra a atitude do meu pai.

5. (Se sim) Quem era o agressor?

Como já referi, anteriormente, era o meu pai.

6. Descreva o que sentia nos momentos em que foi vítima de agressão.

Sentia muito medo, revolta e ódio e às vezes, não sei porquê uma sensação de culpa.

7. O agressor era sempre agressor? Dava-lhe algum afecto?

Não era sempre agressor, também nos deu atenção e afecto. Como já disse antes, senti mais esse afecto até à altura em que a minha irmã nasceu. Apercebi-me que o meu pai acha graça às crianças quando são pequenas, depois quando crescem perdem-na. Foi o que senti à medida que ia crescendo, cresciam os conflitos, divergências, enfim... O mesmo aconteceu com a minha irmã. Estava constantemente a criticar, a humilhar e a insultar-nos, era horrível! Dominava-nos, só ele é que tinha razão e só ele é que podia falar...tínhamos que ouvir, e calar... aqueles gritos e insultos... Eram odiosos! Só me libertei quando comecei a namorar e saí de casa.

8. Que tipo de criança era? Como se descreveria?

Era uma criança tímida, porém forte, introvertida, insegura e achava-me sempre inferior aos outros, mas muito dona do meu nariz... Era muito perfeccionista e na escola esforçava-me para ser a melhor, se tirava uma nota menos boa chorava. Sempre fui das melhores alunas da minha turma.

9. Acha que as experiências que teve na infância, afectaram, de alguma forma, a sua maneira de ser em adulto?

Acho que em alguns aspectos sim, principalmente ao nível da insegurança. Ainda hoje tenho muito medo de falhar na vida e tenho dificuldade em lidar com pessoas autoritárias. Mas de um modo geral penso que hoje sou uma pessoa feliz com

o meu marido e filhos e que ultrapassei esses traumas do passado. E claro que as experiências na minha infância não foram só negativas, nem tudo é negro! Sofri muito com o meu pai mas tenho muito boas recordações de muito boa gente que esteve presente ao longo da minha vida. Pessoas que nos ensinaram muito, com as quais vivemos bons momentos e que são para mim uma referência. A pessoa que sou hoje deve-se, também a pessoas maravilhosas que estiveram presentes na minha vida.

10. Sentiu alguma mudança no seu comportamento, em relação aos outros, depois de ter iniciado o relacionamento afectivo com o seu cônjuge?

Se calhar tornei-me mais confiante, mais sociável.

11. De que forma descreve a sua relação conjugal?

Tenho um casamento feliz, claro com altos e baixos como qualquer relação, mas tenho uma relação sólida, onde há muito amor e união e os problemas que surgem vão sendo ultrapassados. Em poucas palavras é uma relação de 20 anos muito feliz.

12. Quando nasceram os vossos filhos o que sentiu (em relação ao primeiro e em relação ao segundo)?

Quando nasceu o nosso primeiro filho senti uma alegria muito grande, uma sensação única, uma grande felicidade. Senti, também, receios e inseguranças que penso que são próprias nas mães ainda inexperientes. Tinha ali um ser frágil que dependia de mim, acho que exagerei um pouco nas preocupações que senti, nos primeiros tempos não me conseguia afastar dele, pensava que ia logo sentir a minha falta. Tive uma atitude super protectora, não podia falhar. Claro que o pai também estava lá, mas mãe é mãe... Quando nasceu o segundo filho, foi a mesma alegria, mas tudo aconteceu com maior serenidade, consegui apreciar a maternidade com outra tranquilidade.

13. Sentiu que algo mudou em si após o nascimento dos seus filhos?

Sim, sem dúvida, o sentimento de responsabilidade acima de tudo.

14. No relacionamento com os seus familiares, tem comportamentos agressivos?

Tenho pessoas na minha família que me irritam e por vezes respondo com um tom de voz mais alterado, não sei se isso é ser agressivo. Sou muito directa, costumo dizer o que penso e não suporto injustiças e pessoas estúpidas, como algumas que tenho na minha família.

15. Age com os seus filhos da mesma forma que os seus: pai/mãe agiram consigo?

Da mesma forma que o meu pai lidou comigo nem pensar! Longe disso! Sou muito diferente dele, sempre jurei a mim mesma que os meus filhos jamais passariam

aquilo que eu passei. Agora, se calhar lido com os meus filhos de forma parecida com a que a minha mãe lidava comigo. Acho que sou um bocadinho exigente com eles porque quero o melhor para eles, mas nunca como o meu pai que era um ditador e nos torturava... Quero que os meus filhos se sintam livres e sejam muito felizes.

16. Como é a relação afectiva com os vossos filhos?

É uma relação de muito amor e confiança, com os conflitos comuns que existem entre pais e filhos, próprios das idades pelas quais vão passando, principalmente na adolescência. Tivemos alguns problemas com o nosso filho mais velho, devido a algumas companhias que arranjou, mas tudo se ultrapassou. Tento sempre estar presente na vida dos meus filhos, acompanha-los e apoiá-los no que for necessário. A felicidade deles é a nossa felicidade, a minha e a do pai, claro!

17. Acha a relação afectiva que tem com os vossos filhos semelhante à que teve com os seus pais?

É muito diferente, o ambiente que temos em casa é totalmente diferente, existe paz, tranquilidade e os nossos filhos tem liberdade de expor as suas ideias, opiniões, gostos, etc., coisa que não acontecia comigo, fui durante muito tempo uma criança oprimida. Agora, existem, provavelmente, semelhanças na relação que tive com a minha mãe e aquela que tenho com os meus filhos.

18. Alguma vez agrediu os seus filhos? De que forma e situação?

Quando o meu filho mais velho era pequenino cheguei a dar-lhe umas palmadas no rabo, pois era muito reguila e fazia muitas asneiras, mas depois chegava a ficar com remorsos e passado algum tempo dava-lhe muitos beijinhos. Tirando isso nunca agredi os meus filhos, penso que há muitas formas de educar as crianças sem as agredir física ou psicologicamente, com muito dialogo, paciência e principalmente muito amor. Relativamente ao meu filho mais novo, como é muito calmo nunca lhe dei nem uma palmada, claro que o chamo à atenção quando é caso disso.

19. (Se sim) Fá-lo nas mesmas situações e da mesma forma que o fizeram a si?

Jamais poderei comparar as palmadas que dei ao meu filho mais velho às agressões que sofri do meu pai...

20. Como se relaciona socialmente (com colegas de trabalho; amigos e outros familiares)?

Considero-me uma pessoa muito sociável, tenho alguns amigos e imensos conhecidos. Gosto de pessoas, gosto de conversar, divertir-me e ajudar aqueles que precisam de ajuda, dar apoio e conforto. Sou muito frontal e sincera com as pessoas e

sempre que não gosto de alguém ou me sinto injustiçada, não consigo esconder aquilo que sinto e mostro claramente o que sinto confrontando directamente a pessoa.

21. Sente que é mais agressivo com algumas pessoas do que com outras? Com quem e porquê?

Penso que sim, como disse antes há pessoas que por vezes me tiram do sério, alguns familiares e algumas pessoas conhecidas, porque não suporto as suas maneiras de ser arrogantes, pretensiosas, autoritárias e atrevidas que não respeitam o espaço e individualismo dos outros, enfim pessoas pouco inteligentes e muito narcísicas.

22. Sentiu mudanças no seu comportamento ao longo do percurso de vida?

Acho que toda a gente sente, é comum a todos.

23. (Se sim) A que se deveu?

Senti que mudei bastante a partir do momento em que conheci o meu marido, casei e tive os meus filhos. Tornei-me uma pessoa mais confiante, mais madura, compreensiva e terna. Ao mesmo tempo notei que mudei alguns aspectos em mim devido à vivência que tive com as pessoas ligadas à minha vida profissional. Conheci muita gente, pessoas que hoje são grandes amigas e com as quais me identifico, pois aprendi muito com elas.

24. Considera que as relações sociais e familiares que estabeleceu ao longo da vida, influenciaram a sua personalidade?

Sim, tal como disse anteriormente, algumas pessoas que conheci no meu percurso de vida influenciaram claramente a minha personalidade.

25. Considerando as pessoas das suas relações, com quem se identifica?

Penso que me identifico comigo mesma e que a pessoa que sou é resultado daquilo que assimilei das pessoas importantes que passaram pela minha vida até agora. Ou seja, tenho a sensação que tenho um bocadinho de cada uma dessas pessoas dentro de mim. Não posso dizer que me identifico só com uma pessoa... Mas sem dúvida a pessoa mais parecida comigo e que amo profundamente é a minha irmã...

26. Como se descreve actualmente?

Sou uma pessoa feliz com o meu marido e filhos, uma pessoa que ama a vida e que encaro o futuro de forma muito positiva. Continuo com alguns medos e inseguranças que julgo, porém, serem próprios dos comuns mortais. Preocupo-me, talvez, demasiado com os outros, tanto pessoas da família como amigos e conhecidos. Zelo pelo bem-estar, felicidade e alegria das pessoas. Revoltam-me as injustiças.

Entrevista semi-directiva (Júlio)**1. Fale-me da relação afectiva com os seus pais (no passado e no presente).**

Foi uma relação distante porque não fui criado com eles e no presente não há bases para haver uma relação de pais para filhos, continua distante em termos afectivos.

2. Com qual deles se acha mais parecido/a? Com o pai, com a mãe ou com ambos?

Com ambos, apesar de tudo acho que tenho características de ambos, tenho qualidades e defeitos que herdei de ambos.

3. Na infância, a quem se sentia mais chegado?

Ao meu avô, pois fui criado com os meus avós e o meu avô era quem me dava mais atenção e carinho. Em relação aos meus pais sentia-me mais chegado à minha mãe.

4. Foi vítima de agressões na infância?

Sim...

5. (Se sim) Quem era o agressor?

O pai em casa...sempre que eu não queria comer batia-me muito com o cinto... e na escola primária as professoras batiam-me porque era muito irrequieto e fazia muitas asneiras, mas era muito bom aluno.

6. Descreva o que sentia nos momentos em que foi vítima de agressão.

Sei lá, não me lembro bem... só me apetecia desaparecer, fugir...

7. O agressor era sempre agressor? Dava-lhe algum afecto?

Também dava afecto, não muito, mas também dava.

8. Que tipo de criança era? Como se descreveria?

Muito irrequieto, brincalhão. Tinha uma imaginação muito fértil. Apesar das agressões do meu pai acho que era uma criança alegre.

9. Acha que as experiências que teve na infância, afectaram, de alguma forma, a sua maneira de ser em adulto?

Sim... não sou tão agressivo como os meus pais foram, tento controlar essa parte. Esforço-me para não fazer aos meus filhos aquilo que fizeram comigo, baterem-me para comer, estar longe como eles estiveram. Tento ser um pai mais presente e amigo.

10. Sentiu alguma mudança no seu comportamento, em relação aos outros, depois de ter iniciado o relacionamento afectivo com o seu cônjuge?

Acho que continuei a ser a mesma pessoa com os meus amigos, claro que comecei a dedicar-me mais à minha mulher, quando estamos apaixonados penso que é normal. Senti-me mais meigo e dedicado.

11. De que forma descreve a sua relação conjugal?

Foi a melhor coisa que me podia ter acontecido na vida, encontrei a minha cara-metade que me completa em todos os sentidos, como pessoa, em tudo. Tornei-me mais responsável. Acho que tenho uma relação estável que se baseia na confiança e sinceridade.

12. Quando nasceram os vossos filhos o que sentiu (em relação ao primeiro e em relação ao segundo)?

A alegria e felicidade foram as mesmas, acho que não há distinção, a dedicação foi igual. Senti uma enorme felicidade de ser pai, realizei o sonho de ser pai.

13. Sentiu que algo mudou em si após o nascimento dos seus filhos?

Senti que aumentou o meu sentimento de responsabilidade.

14. No relacionamento com os seus familiares, tem comportamentos agressivos?

Eu penso que não, mas pelo que dizem sim porque dizem que grito quando estou a falar, às vezes quando estou mais exaltado.

15. Age com os seus filhos da mesma forma que os seus: pai/mãe agiram consigo?

Não, evito. Não bato nos meus filhos para comer, ou por qualquer asneira que façam. Tento compreendê-los e ouvir o que tem para dizer, ser confidente e estar presente na vida deles para os poder ajudar.

16. Como é a relação afectiva com os vossos filhos?

Acho que tenho uma boa relação afectiva com os meus filhos, não sou perfeito, mas tento ser um bom pai.

17. Acha a relação afectiva que tem com os vossos filhos semelhante à que teve com os seus pais?

Não, porque sou um pai presente que tento acompanhá-los em tudo, tanto a nível escolar, como social e pessoal. Os meus pais nunca foram pais presentes, pois foram emigrantes e pensaram que me davam melhores condições de vida indo para o estrangeiro e esqueceram-se da parte afectiva, senti muito a falta deles. O pouco tempo que estava com eles nas férias ainda levava tarefas. Prometi que isso nunca iria acontecer com os meus filhos.

18. Alguma vez agrediu os seus filhos? De que forma e situação?

Sim algumas vezes, verbalmente e fisicamente com algumas palmadas. As palmadas aconteceram com o meu filho mais velho porque às vezes tinha mau comportamento. Com o meu filho mais novo quase nunca me chateei com ele porque é muito calmo e porta-se quase sempre bem.

19. (Se sim) Fá-lo nas mesmas situações e da mesma forma que o fizeram a si?

Não, porque quando chamo os meus filhos à atenção ou lhe dou alguma palmada, vem-me à cabeça o que o meu pai me fazia, batia-me muito, mas muito com o cinto e jamais faria isso aos meus filhos. As situações são diferentes, dou umas palmadas e falo mais alto para dar educação, não lhes bato para comer e em situação alguma com o cinto, pois acho isso muito violento.

20. Como se relaciona socialmente (com colegas de trabalho; amigos e outros familiares)?

Bem, acho que sou uma pessoa sociável, não sou agressivo nem conflituoso.

21. Sente que é mais agressivo com algumas pessoas do que com outras? Com quem e porquê?

Não me sinto agressivo com ninguém.

22. Sentiu mudanças no seu comportamento ao longo do percurso de vida?

Claro que uma pessoa sente... na maneira de estar, de pensar, de sentir, tentando sempre ser melhor.

23. (Se sim) A que se deveu?

Acho que se devem à evolução natural da pessoa, à idade, experiências de vida e às pessoas que nos rodeiam e que nos dizem alguma coisa: a minha esposa, os meus filhos e amigos.

24. Considera que as relações sociais e familiares que estabeleceu ao longo da vida, influenciaram a sua personalidade?

Sim, acho que algumas pessoas influenciaram a minha personalidade até os meus pais, pois tento tirar o que há de bom neles e esquecer o que é menos positivo.

25. Considerando as pessoas das suas relações, com quem se identifica?

Não sei! Não me identifico só com uma pessoa, porque as pessoas que conheço tem virtudes e defeitos, todas diferentes umas das outras... identifico-me com alguns pormenores: da maneira de ser, de estar, de sentir, de ver a vida. Não há ninguém igual a ninguém, no fundo somos uma pessoa só, que ao longo da vida é influenciada pelos que o rodeiam e da qual irá seleccionar o que mais lhe agrada interiormente.

26. Como se descreve actualmente?

Não sei! Sou feliz, tenho um casamento feliz, dois filhos formidáveis, sinto-me realizado com família que construí. Sou uma pessoa calma, dedicado à família, sociável, trabalhador, lutador, sensível e por vezes inseguro e com muitos medos, principalmente de perder a estabilidade familiar que conquistei.

Entrevista semi-directiva (Vera)

1. Fale-me da relação afectiva com os seus pais (no passado e no presente).

Tanto no passado, como no presente, a relação afectiva com os meus pais foi e é bastante complexa, para além de ser bastante diferente. De facto, se sempre senti o “amor” que a minha mãe tinha por mim e pela minha irmã, o mesmo não acontecia com o meu pai. Enquanto que o amor materno, nem sempre expresso directamente, estava implícito no dia-a-dia, e era perceptível, os sentimentos paternos, nunca ou raramente se manifestaram ao longo da infância, e da vida adulta também. Não sei que tipo de sentimentos o meu pai nutre por nós, a opacidade é total.

2. Com qual deles se acha mais parecido/a? Com o pai, com a mãe ou com ambos?

Acho que sou mais parecida com a minha mãe, embora reconheça em mim alguns traços da personalidade do meu pai, o que nem sempre me agrada dado que fazem parte dos traços que menos aprecio em mim.

3. Na infância, a quem se sentia mais chegado?

Quando criança, sentia-me mais chegada à minha mãe, e sobretudo à minha irmã.

4. Foi vítima de agressões na infância?

Sim, fui vítima de agressões psicológicas.

5. (Se sim) Quem era o agressor?

O meu pai, que era alcoólico, violento e ditador.

6. Descreva o que sentia nos momentos em que foi vítima de agressão.

Sentia uma angústia enorme e um profundo desgosto de não ter um pai e uma família como os outros.

7. O agressor era sempre agressor? Dava-lhe algum afecto?

Quase sempre. Os escassos momentos de afecto, se alguma vez existiram realmente, estavam sempre ligados a uma situação de que eu me envergonhava no dia-a-dia, ou seja, eles aconteciam quando o meu pai estava embriagado.

8. Que tipo de criança era? Como se descreveria?

Era uma criança alegre, divertida, curiosa e imaginativa mas, a partir de certa altura, passei a recluir as reacções das pessoas relativamente a mim. Tinha, de certa forma, medo dos outros e fazia tudo para não os desagradar, facto que continuou na adolescência e na vida adulta também.

9. Acha que as experiências que teve na infância, afectaram, de alguma forma, a sua maneira de ser em adulto?

Sim, e muito. O medo que senti, as cenas tristes a que assisti tornaram-me uma pessoa angustiada, receosa, e influenciaram a minha relação com as outras pessoas, tal como o medo de dizer não ou de discordar de certas opiniões. Acho que essas experiências abafaram a verdadeira essência do meu ser.

10. Sentiu alguma mudança no seu comportamento, em relação aos outros, depois de ter iniciado o relacionamento afectivo com o seu cônjuge?

Sim, de certa forma senti-me mais segura pois podia contar com o seu apoio. No entanto, não foi logo suficiente para apagar anos e anos de sofrimento psicológico.

11. De que forma descreve a sua relação conjugal?

É uma relação onde existe muito amor, carinho, partilha e compreensão.

12. Quando nasceram os vossos filhos o que sentiu (em relação ao primeiro e em relação ao segundo)?

Relativamente ao primeiro, senti uma grande felicidade e muito amor mas, também, medo de não estar à altura e de não ser boa mãe. Quanto ao segundo, senti também muito amor, felicidade e carinho mas uma grande necessidade de o proteger. Tive também receio de magoar o irmão, não queria que se sentisse desprezado.

13. Sentiu que algo mudou em si após o nascimento dos seus filhos?

Sim, senti que tinha mais responsabilidades e que já não era livre de fazer o que queria. Senti também um grande desejo de lhe dar uma família e uma vida como nunca tive.

14. No relacionamento com os seus familiares, tem comportamentos agressivos?

Sim, por vezes, não me consigo controlar e expludo, grito mas arrependo-me logo a seguir e sinto-me muito mal. Sinto que estou a reproduzir o que detesto e sempre detestei: os gritos, os conflitos, as cenas tristes.

15. Age com os seus filhos da mesma forma que os seus: pai/mãe agiram consigo?

Em termos afectivos, penso que, em parte, reproduzo os sentimentos maternos experienciados, o amor de mãe que sempre senti. Por outro lado, sinto também que certas “manias” e pressupostos paternos estão também latentes, embora numa escala muito menor.

16. Como é a relação afectiva com os vossos filhos?

Existe muito amor, escuta e compreensão, embora haja momentos mais tensos e se profiram alguns gritos...da minha parte.

17. Acha a relação afectiva que tem com os vossos filhos semelhante à que teve com os seus pais?

Não, porque a imagem que damos enquanto casal e pais não é a mesma, e estamos sempre à escuta das necessidades deles, o que não era o meu caso, pois senti-me muitas vezes “abandonada”. Também, conversamos muito e tentamos compreender as reacções deles.

18. Alguma vez agrediu os seus filhos? De que forma e situação?

Se gritar com eles é agredir, então sim. Às vezes os nervos falam mais alto e a explosão acontece, ao que se segue um longo momento de arrependimento dado que repenso no que vivi na infância.

19. (Se sim) Fá-lo nas mesmas situações e da mesma forma que o fizeram a si?

Não, as situações são completamente diferentes. Eu zango-me relativamente a certas coisas que eles fazem e que, a meu ver, repreensíveis. Ora, no meu caso, eu nunca fiz nada para provocar tais situações, elas vieram a mim sem que as tivesse chamado.

20. Como se relaciona socialmente (com colegas de trabalho; amigos e outros familiares)?

Durante muito tempo, senti-me numa posição de inferioridade relativamente aos outros, sentia-me menos capaz e infeliz por não ter uma família como os outros. Sentia uma grande falta de confiança em mim e uma baixa auto-estima. Isto está actualmente a mudar, e começo a sentir-me melhor comigo própria, o que se reflecte também na relação com os outros, dado que passei a valorizar-me mais.

21. Sente que é mais agressivo com algumas pessoas do que outras? Com quem e porquê?

Sim, sinto que sou mais agressiva com a minha mãe, com a minha irmã e com o meu marido também. Raramente fui agressiva com os amigos, pois sentia uma grande necessidade de ser apreciada por eles, o que me levava, muitas vezes, a uma certa forma de submissão.

22. Sentiu mudanças no seu comportamento ao longo do percurso de vida?

Sim, actualmente.

23. (Se sim) A que se deveu?

A um aumento da auto-estima e à confiança nas minhas capacidades, até agora “desprezadas”, dado que o meu pai sempre nos tratava de “merdas”.

24. Considera que as relações sociais e familiares que estabeleceu ao longo da vida, influenciaram a sua personalidade?

Sim, porque o facto de os meus pais não formarem um casal “normal” e feliz sempre me magoou profundamente e me levaram a procurar essa “normalidade”, ao ponto de abafar a minha própria personalidade para me parecer com os outros. Acho que, durante muito tempo, fui o que outros queriam que eu fosse e fiz o que os outros queriam que eu fizesse, o que certamente “apagou” traços da minha verdadeira personalidade.

25. Considerando as pessoas das suas relações, com quem se identifica?

Com a minha irmã.

26. Como se descreve actualmente?

Uma pessoa mais serena, menos angustiada e mais confiante no futuro.

Entrevista semi-directiva (Francisco)**1. Fale-me da relação afectiva com os seus pais (no passado e no presente).**

Posso dizer que recordo um passado cheio de amor, com laços afectivos muito fortes com ambos, e um presente com alguma tristeza devido à perda da minha mãe... mas muito feliz, também... Tenho uma família maravilhosa, a minha mulher e os meus filhos.

2. Com qual deles se acha mais parecido/a? Com o pai, com a mãe ou com ambos?

Sou mais parecido com a minha mãe, sob todos os aspectos.

3. Na infância, a quem se sentia mais chegado?

Sempre me senti mais próximo da minha mãe.

4. Foi vítima de agressões na infância?

Posso dizer que sofri pequenos insultos verbais por parte do meu pai.

5. (Se sim) Quem era o agressor?

Não posso considera-lo agressor, penso que era a forma de dar educação.

6. Descreva o que sentia nos momentos em que foi vítima de agressão

Sentia-me um pouco desvalorizado, e sentia alguma falta de amor da parte dele. Mas, também era uma criança, não percebia muito bem as coisas e quando há irmãos, também sentimos ciúmes. Acho que é normal!

7. O agressor era sempre agressor? Dava-lhe algum afecto?

Claro que não, felizmente. Já disse que não o considero agressor, era se calhar um pai stressado! O lado afectivo estava mais presente, o meu pai também era afectuoso para comigo.

8. Que tipo de criança era? Como se descreveria?

Era uma criança reservada, que fazia bastantes asneiras mas que adorava fazer rir os outros.

9. Acha que as experiências que teve na infância, afectaram, de alguma forma, a sua maneira de ser em adulto?

Certamente.

10. Sentiu alguma mudança no seu comportamento, em relação aos outros, depois de ter iniciado o relacionamento afectivo com o seu cônjuge?

Não, nem por isso.

11. De que forma descreve a sua relação conjugal?

É uma relação cheia de amor.

12. Quando nasceram os vossos filhos o que sentiu (em relação ao primeiro e em relação ao segundo)?

O primeiro foi para mim uma alegria imensa e uma felicidade total de ser pai e, o segundo, foi a alegria de renovar esta experiência maravilhosa. Não senti diferenças entre o primeiro e o segundo.

13. Sentiu que algo mudou em si após o nascimento dos seus filhos?

Sim, um sentimento de protecção e de dedicação total aos meus filhos. Papá galinha, não é?

14. No relacionamento com os seus familiares, tem comportamentos agressivos?

Não, que eu saiba não.

15. Age com os seus filhos da mesma forma que os seus: pai/mãe agiram consigo?

Penso que dou o mesmo amor que recebi dos meus pais.

16. Como é a relação afectiva com os vossos filhos?

Uma relação muito chegada, com muito amor e carinho.

17. Acha a relação afectiva que tem com os vossos filhos semelhante à que teve com os seus pais?

Sim, ela assemelha-se à relação afectiva que tinha com a minha mãe, mas é um pouco diferente da que mantive e mantenho com o meu pai.

18. Alguma vez agrediu os seus filhos? De que forma e situação?

Apenas lhes dou umas palmadas quando se portam mal... acho que isso não é agredir, mas uma forma de os ensinar. Quando digo palmadas, se calhar devia dizer palmadinhas, não é bater a sério como o fazem alguns pais.

19. (Se sim) Fá-lo nas mesmas situações e da mesma forma que o fizeram a si?

Acho que também levei umas palmadinhas quando me portava mal...

20. Como se relaciona socialmente (com colegas de trabalho; amigos e outros familiares)?

Relaciono-me bem com os outros, individualmente estou mais à vontade, mas sinto uma pequena apreensão quando estou em grupo.

21. Sente que é mais agressivo com algumas pessoas do que com outras? Com quem e porquê?

Não, não sou agressivo com ninguém.

22. Sentiu mudanças no seu comportamento ao longo do percurso de vida?

Tornei-me mais possessivo relativamente à minha mulher e aos meus filhos, pois tinha medo de os perder, como perdi a minha mãe.

23. (Se sim) A que se deveu?

À morte da minha mãe, ao grande vazio da sua ausência e à falta do seu amor.

24. Considera que as relações sociais e familiares que estabeleceu ao longo da vida, influenciaram a sua personalidade?

Sim, talvez.

25. Considerando as pessoas das suas relações, com quem se identifica?

Com a minha avó, que eu considero ter sido a pessoa mais bondosa e atenciosa do mundo que eu jamais conheci.

26. Como se descreve actualmente?

Actualmente, sinto-me muito feliz com a minha família, com o facto de voltar a ser pai...vêm aí o terceiro! Sou um homem sincero, que amo muito a minha família, sou também um pouco tímido, acho que sempre fui! Não sei o que dizer mais...

Carta de consentimento informado

A investigação decorrente pretende averiguar a oscilação ou permanência do mecanismo de defesa *identificação com o agressor* em pessoas, outrora vítimas de trauma. Tem-se como objectivo compreender, se num casal onde um dos cônjuges foi vítima de violência familiar, é possível observar a oscilação desse mecanismo, tendo em conta novas relações, intra e extra familiares que foi construindo ao longo da vida, nomeadamente conjugais. Desta forma, procura-se recolher informação que permita tirar conclusões.

Realizar-se-ão entrevistas semi-directivas ao casal, com o intuito de recolher dados que permitam identificar as características individuais da personalidade, assim como as relações intra e extra familiares estabelecidas ao longo da vida. Serão feitas entrevistas ao casal, no sentido de poder avaliar os padrões de comportamento relacionais. As entrevistas serão marcadas tendo em conta a disponibilidade da investigadora e dos participantes.

A investigação decorrerá de acordo com as normas deontológicas e éticas previstas, salvaguardando os direitos, privacidade e anonimato do casal. Os dados recolhidos serão apenas trabalhados pela investigadora, com o consentimento dos participantes.

Os participantes têm o direito de desistir em qualquer momento, uma vez que se trata de uma colaboração voluntária. Agradeço, desde já, a vossa disponibilidade.

Os participantes

A investigadora
